

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Kathleen Caroline de Lima Carlos

**ANÁLISE DE REDES SOCIAIS E CRENÇAS SOBRE O PRECONCEITO E A  
DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO BRASIL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL**

Maceió

2020

Kathleen Caroline de Lima Carlos

**ANÁLISE DE REDES SOCIAIS E CRENÇAS SOBRE O PRECONCEITO E A  
DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO BRASIL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL**

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia da Universidade Federal  
de Alagoas, como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sheyla  
Christine Santos Fernandes

Maceió

2020

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C284a Carlos, Kathleen Caroline de Lima.  
Análise de redes sociais e crenças sobre o preconceito e a discriminação racial  
no Brasil : um diálogo possível / Kathleen Caroline de Lima Carlos. – 2020.  
68 f. : il. color.

Orientadora: Sheyla Christine Santos Fernandes.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 61-68.

1. Redes sociais - Análise do discurso. 2. Preconceitos. 3. Psicologia. 4.  
Discriminação racial. I. Título.

CDU: 159.9:81'42



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

## TERMO DE APROVAÇÃO

**KATHLEEN CAROLINE DE LIMA CARLOS**

Título do Trabalho: **"Análise de Redes Sociais e crenças sobre o preconceito e a discriminação racial no Brasil: um diálogo possível"**.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes (PPGP/UFAL)

Comissão Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcos Emanuel Pereira (UFBA)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Leogildo Alves Freires (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 30 de outubro de 2020.

*Dedico este trabalho ao meu marido  
Claudemir, aos meus pais Jura e Cedir e ao  
meu irmão Kevin.*

## **Agradecimentos**

A Deus, por sua soberania, graça, misericórdia e infinito amor. Obrigada por me permitir realizar tantos sonhos nesta existência. Ainda não descobri o que eu fiz para merecer tanto.

Ao meu marido Claudemir, por ser amor, razão, porto seguro e me trazer paz. Obrigada pelo amparo nos momentos difíceis e por acreditar em mim.

Aos meus pais deixo um agradecimento especial. Eles que são pai e mãe concretos cujo ato heroico consiste em se reconhecerem eternos aprendizes em suas funções. É na busca de ser o melhor pai e mãe que eles reconhecem a força e a fragilidade de serem quem são: sujeitos completos, constituídos de amor, que não são perfeitos, mas são tudo que eu poderia ter.

Ao meu irmão Kevin, por seu tempo e amor.

Especialmente agradeço à Professora Sheyla, pela orientação, competência e afeto. Obrigada por acreditar em mim e pelos tantos desafios, sobretudo, por me manter com a certeza de que chegaria às etapas finais. Você foi e será muito mais que orientadora, para mim, será sempre uma figura identificatória com suas várias personas: pesquisadora, mulher, esposa, mãe e nordestina.

Aos meus avaliadores, Prof. Dr. Marcos Emanuel Pereira e Prof. Dr. Leogildo Alves Freire, pela generosidade em partilhar conhecimento.

Aos colegas do Laboratório de Investigação em Cognição e Comportamento Social (LAICOS) pelas leituras, revisões, questionamentos, discussões, contribuições, trocas e afetos. A cada uma/um: Alanda, Marcikele, Erika, Nycolas, João, Rafa, Renata e Helen, com carinho.

Ao CNPq pela concessão de recursos que auxiliaram a efetivação desta dissertação.

*“as pessoas conscientes ou envergonhadas de seus preconceitos também são as que estão a caminho de eliminá-los, aqueles que se orgulham deles raramente conseguem enxergar além”*

(Gordon Allport).

## Resumo

Este trabalho teve como finalidade analisar as crenças relacionadas ao preconceito e a discriminação racial nas redes sociais *online* (RSO) no contexto brasileiro, utilizando-se do método da Análise de Redes Sociais (ARS) aplicado ao espaço virtual *online* do Facebook. O preconceito e a discriminação racial foram investigados a partir do mapeamento e discursos produzidos na página @sitemundonegro do Facebook. Três estudos foram realizados para efetivar os objetivos propostos. O primeiro estudo fundamentou esta pesquisa ao apresentar uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de compreender em que medida a ARS pode auxiliar os trabalhos produzidos pela Psicologia brasileira e o estudo das crenças. Neste estudo foram analisadas cinco bases de dados, utilizando o termo “análise de redes sociais”. Em seguida, realizou-se um recorte dos resumos para construção do *corpus*, submetido à análise quantitativa de dados textuais com auxílio do software Iramuteq. A partir da classificação hierárquica descendente (CHD), emergiram três classes: classe 1, produção e conhecimento; classe 2, ferramenta de investigação; e classe 3, objeto de aplicação. As principais conclusões demonstram que a ARS é uma metodologia pouco utilizada no Brasil e nas produções da Psicologia, apresentando-se como uma área de investigação de caráter promissor e potencial. O estudo das crenças, atitudes e comportamento é prevalente, somente, nas produções que estudam redes sociais na internet, o que demonstra a dimensão desse vasto campo inexplorado. No segundo estudo, a finalidade foi produzir, a partir da aplicação da ARS na página @sitemundonegro no Facebook, um mapeamento das informações sobre o preconceito e discriminação racial que circulam nos espaços virtuais *online*, apresentando uma introdução à metodologia de pesquisa digital à luz da Psicologia Social. Para isso, foram aplicados *softwares* de extração (Netvizz) e visualização (Gephi) de dados em RSO, a partir da ARS e das métricas in-degree, out-degree, closeness e betweenness. As principais conclusões demonstraram que as RSO compõem o centro das atividades *online*, elevando o potencial de ligações humanas ao mesmo tempo em que favorecem o domínio de grandes empresas tecnológicas e seus interesses econômicos, facilitando a manipulação do tecido social através de ferramentas algorítmicas. Com o mapeamento da rede foi possível evidenciar o aumento do diálogo a respeito da temática do preconceito e da discriminação racial. A interação entre páginas foi capaz de formar um campo privilegiado de visibilidade e ressignificação do negro no Brasil, fortalecendo a identidade negra e produzindo novas subjetividades através das relações com outros indivíduos negros. O último estudo elaborou um levantamento dos discursos produzidos a partir da ARS aplicada aos espaços virtuais *online* da página @sitemundonegro no Facebook. Os dados foram coletados por meio do *software* Netvizz e transformados em *corpus* textual para serem submetidos à análise pelo *software* Iramuteq. A partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) emergiram 2 classes: a classe 1, atitudes e comportamentos de enfrentamento do preconceito racial e a classe 2, visibilidade e ressignificação do negro. As principais conclusões indicaram que a presença de crenças racistas no Facebook, porém, com uma prática sutil, velada, cordial e à brasileira. O fenômeno do *netativismo* demonstrou a crescente participação e envolvimento dos usuários em mobilizações sociais no espaço *online* enquanto tentativa de busca por justiça social e enfrentamento do preconceito e discriminação racial na interface digital. Houve também, o fortalecimento e valorização da identidade social dos negros. Os resultados desta dissertação são inéditos na literatura brasileira e podem contribuir para o estudo das crenças relacionadas ao preconceito e a discriminação racial no ciberespaço, e também, com métodos de pesquisa digital em RSO.

**Palavras-chave:** Análise de Redes Sociais; Crenças; Preconceito; Psicologia; Facebook.



## Abstract

This work aimed to analyze the beliefs related to prejudice and racial discrimination in online social networks (RSO) in the Brazilian context, using the Social Network Analysis (ARS) method applied to Facebook's online virtual space. Prejudice and racial discrimination were investigated from the mapping and speeches produced on the Facebook page @sitemundonegro. Three studies were carried out to implement the proposed objectives. The first study supported this research by presenting a systematic review of the literature in order to understand to what extent the ARS can help the works produced by Brazilian Psychology and the study of beliefs. In this study, five databases were analyzed, using the term "social network analysis". Then, a summary of the abstracts for the construction of the corpus was performed, submitted to the quantitative analysis of textual data with the aid of the Iramuteq software. From the descending hierarchical classification (CHD), three classes emerged: class 1, production and knowledge; class 2, research tool; and class 3, object of application. The main conclusions demonstrate that ARS is a methodology that is little used in Brazil and in Psychology productions, presenting itself as a promising and potential research area. The study of beliefs, attitudes and behavior is prevalent only in productions that study social networks on the internet, which demonstrates the dimension of this vast unexplored field. In the second study, the purpose was to produce, using the ARS application on the @sitemundonegro page on Facebook, a mapping of information about racial prejudice and discrimination that circulates in online virtual spaces, presenting an introduction to the digital research methodology in the light of Social Psychology. For this, software for the extraction (Netvizz) and visualization (Gephi) of data in RSO were applied, based on the ARS and the metrics in-degree, out-degree, closeness and betweenness. The main conclusions demonstrated that the RSO make up the center of online activities, increasing the potential for human connections while favoring the dominance of large technological companies and their economic interests, facilitating the manipulation of the social fabric through algorithmic tools. With the mapping of the network, it was possible to evidence an increase in dialogue regarding the theme of prejudice and racial discrimination. The interaction between pages was able to form a privileged field of visibility and redefinition of blacks in Brazil, strengthening black identity and producing new subjectivities through relationships with other black individuals. The latest study produced a survey of the speeches produced from the ARS applied to the online virtual spaces of the @sitemundonegro page on Facebook. The data were collected using the Netvizz software and transformed into a textual corpus to be analyzed by the Iramuteq software. From the Descending Hierarchical Classification (CHD), 2 classes emerged: class 1, attitudes and behaviors to face racial prejudice and class 2, visibility and reframing of black people. The main conclusions indicated that the presence of racist beliefs on Facebook, however, with a subtle, veiled, cordial and Brazilian practice. The phenomenon of netativism demonstrated the increasing participation and involvement of users in social mobilizations in the online space as an attempt to search for social justice and to confront prejudice and racial discrimination in the digital interface. There was also the strengthening and valorization of the social identity of blacks to the media that legitimized the confrontation of the culture of money laundering and exposed the beliefs of the myth of racial democracy. The results of this dissertation are unprecedented in Brazilian literature and can contribute to the study of beliefs related to prejudice and racial discrimination in cyberspace, and also, with digital research methods in RSO.

**Keywords:** Social Network Analysis; Beliefs; Prejudice; Psychology; Facebook.

## Lista de Ilustrações

### Capítulo 1

- Figura 1** - Fluxograma de seleção dos artigos ..... 20
- Figura 2** - Dendograma da classificação hierárquica descendente do *corpus* ..... 21
- Figura 3** - Nuvem de palavras do *corpus* ..... 23
- Figura 4** - Árvore de coocorrência – análise de similitude do *corpus* ..... 24

### Capítulo 2

- Figura 5** - Rede de afinidade com a página “site mundo negro”, Netvizz/Facebook ... 35

### Capítulo 3

- Figura 6** - Dendograma da classificação hierárquica descendente do *corpus* ..... 51

## Lista de Abreviaturas e Siglas

ARS	Análise de Redes Sociais
RSO	Redes sociais <i>online</i>
CHD	Classificação Hierárquica Descendente

## Sumário

<b>Lista de Figuras</b> .....	08
<b>Lista de Siglas</b> .....	09
<b>Resumo</b> .....	10
<b>Abstract</b> .....	11
<b>Introdução Geral</b> .....	12
Estruturação do trabalho .....	13
<b>Capítulo 1 – Análise de Redes Sociais e o estudo das crenças nas produções da psicologia brasileira</b> .....	14
Resumo .....	14
Abstract .....	15
Introdução .....	15
Método .....	18
Material .....	18
Análise dos dados .....	18
Resultados .....	19
Classificação Hierárquica Descendente .....	20
Nuvem de palavras .....	23
Análise de similitude .....	24
Discussão .....	25
Considerações finais .....	27
<b>Capítulo 2 – O preconceito e a discriminação racial brasileira à luz da análise de redes sociais no Facebook</b> .....	28
Resumo .....	28
Abstract .....	29
Introdução .....	29
Método .....	32
Resultados .....	35
Discussão .....	38
Considerações finais .....	43
<b>Capítulo 3 – Preconceito e discriminação racial brasileira: Análise de redes sociais aplicada aos comentários no contexto <i>online</i> do <i>Facebook</i></b> .....	44
Resumo .....	44
Abstract .....	45
Introdução .....	45
Método .....	48
Resultados .....	50
Classificação Hierárquica Descendente .....	50
Discussão .....	53
Considerações finais .....	57
<b>Conclusões Gerais</b> .....	59
<b>Referências</b> .....	61

## Introdução Geral

O avanço tecnológico das últimas décadas proporcionou transformações significativas na sociedade e no modo de vida das pessoas, e a internet foi a grande responsável pelas modificações dos contextos social, político e econômico (Ferreira et al., 2019). Para os autores (2019), a internet é compreendida como uma rede mundial com alta capacidade de transmissão, favorecendo a disseminação de informações, a interação, e a colaboração entre indivíduos e computadores, sem a necessidade de presença dos indivíduos no mesmo espaço físico.

A consolidação da internet é demarcada por quatro grandes períodos: o primeiro período é caracterizado pelo uso privado das redes; o segundo período demarca a abertura da rede ao público; já o terceiro período abarca três processos, a velocidade nas conexões, a variedade de conteúdo, e as aplicações voltadas a relacionamentos interpessoais; e o quarto e último período, é caracterizado pela diversificação de telas através dos *smartphones* (Lins, 2013). Assim, com o advento da internet e suas transformações, surgiram as redes sociais, consideradas as ferramentas mais utilizadas, a exemplo do *Facebook* (Ferreira et al., 2019).

Uma rede social é descrita como um conjunto de relações e intercâmbios entre indivíduos, grupos ou organizações, que partilham interesses através de plataformas disponíveis na internet (Telles, 2010). Para o autor (2010), a ideia central de uma rede social online (RSO) é possibilitar às pessoas um espaço próprio, para colocar dados pessoais que as caracterizam e relacionar-se com os demais usuários, tendo como propósito primordial, possibilitar a conexão e troca de informação.

Nesse contexto de crescente construção e consolidação das RSO, por meio do monitoramento ou acompanhamento de determinado acontecimento em relação ao objeto observado, é possível conhecer os discursos presentes nas redes e com isso analisar as tendências referentes à temática, fornecendo indicadores que validam e viabilizam o objeto observado pelo pesquisador (Mortari & Santos, 2016).

A literatura tem indicado um interesse crescente dos pesquisadores de várias áreas do conhecimento nos fenômenos que ocorrem no contexto das RSO à medida que a internet deixa de ser apenas um objeto de estudo, e passa a ocupar um espaço de adequação das ferramentas e métodos tradicionais às condições e possibilidades do ciberespaço (Camboim, Bezerra & Guimarães, 2015). Para os autores (2015), é

importante referir que, nesse novo contexto, o maior desafio do pesquisador diz respeito a escolha de métodos eficientes que permitam a validação científica do estudo.

Nessa perspectiva, o método da Análise de Redes Sociais (ARS) ganha destaque por ser multidisciplinar (Souza & Quandt, 2008), além de favorecer uma análise combinada (quanti e quali), e possuir uma versatilidade em sua aplicação, podendo ser realizada em diferentes situações e questões sociais, com aplicação em diversos campos teóricos, auxiliando estudos das mais variadas abordagens (Marteleto, 2001) em múltiplos e simultâneos níveis de análise (Recuero, 2017).

Desse modo, a partir do contexto descrito em suas inovações e possibilidades, tornou-se necessário identificar os estudos que a ciência psicológica vem produzindo no ciberespaço e nas RSO com o método da ARS, na tentativa de compreender esse campo de estudo, assim como, suas possibilidades, avanços e lacunas, e também, verificar como o avanço tecnológico, a internet e as redes sociais auxiliam o pesquisador e o estudo das crenças.

Seguidamente, a partir da identificação das produções temáticas nesse campo de estudo, verificou-se que, em nível nacional, a metodologia da ARS aplicada ao estudo do preconceito e da discriminação racial no campo da Psicologia brasileira não é prevalente (Sacco, Couto e Koller, 2016), apesar dos diversos casos de cyber racismo no ciberespaço e nas RSO (Tynes, Ryan & Rose, 2015). Na tentativa de preencher essa lacuna, realizou-se uma introdução à pesquisa digital através da metodologia da ARS aplicada ao estudo do preconceito e da discriminação racial no espaço *online* do Facebook.

Por fim, após o mapeamento da rede com o método da ARS, tornou-se possível utilizar os dados coletados para uma segunda análise. Aqui, os comentários disponibilizados pelos usuários, através de expressões de ódio e cyberativismo, são analisados à luz da Psicologia Social e do estudo das crenças relacionadas ao preconceito e a discriminação racial no contexto brasileiro.

### **Estruturação do trabalho**

A presente dissertação de mestrado adotou uma das possibilidades oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas na estruturação do trabalho final. Ela se constitui de três artigos científicos e cada capítulo corresponde a um artigo. Assim, esta dissertação será apresentada da seguinte forma.

O primeiro capítulo, “*Análise de Redes Sociais e o estudo das crenças nas produções da psicologia brasileira*”, fundamentou a pesquisa. Este capítulo refere-se a etapa bibliográfica desta pesquisa, pontuando sobre as produções da psicologia brasileira que utilizaram o método da ARS. Esta etapa teve o intuito de identificar como a psicologia vem utilizando o método da ARS e o que esses achados proporcionam ao estudo das crenças.

O segundo capítulo, “*O preconceito e a discriminação racial brasileira à luz da análise de redes sociais no Facebook*”, objetivou produzir, a partir da aplicação da ARS, um mapeamento das informações sobre preconceito e discriminação racial que circulam nos espaços virtuais *online* do Facebook. Para tanto, apresenta uma introdução à metodologia de pesquisa digital, com utilização de softwares de extração e visualização de dados em redes sociais à luz da Psicologia Social.

E, o terceiro capítulo, “*Preconceito e discriminação racial brasileira: Análise de redes sociais aplicada aos comentários no contexto online do Facebook*”, teve o intuito de elaborar um levantamento das informações e discursos produzidos online, a partir da ARS aplicada aos espaços virtuais da página @sitemundonegro no Facebook. Nesta etapa, foram coletados comentários dos usuários afim de compreender as crenças relacionadas ao preconceito e a discriminação racial no contexto brasileiro.

Ao final, são apresentadas as considerações finais, com o objetivo de integrar os resultados encontrados na pesquisa desenvolvida na presente dissertação, incluindo as limitações dos estudos, bem como, sugestões de pesquisas futuras.

## **Capítulo 1**

### **Análise de Redes Sociais e o estudo das crenças nas produções da psicologia brasileira**

#### **Resumo**

Objetivo: Compreender em que medida a análise de redes sociais (ARS) pode auxiliar os trabalhos produzidos pela Psicologia brasileira e o estudo das crenças. Método: Revisão sistemática de artigos científicos nas bases dados SciELO, PePSIC, Index Psi, LILACS e PsycINFO, utilizando o termo “análise de redes sociais”. O banco final incluído na análise foi constituído por 136 artigos, realizando-se um recorte dos resumos para formação do *corpus*. O material foi submetido à análise quantitativa de dados textuais com auxílio do software Iramuteq. Resultados: A partir da classificação hierárquica descendente (CHD), a emergência de três classes: classe 1, produção e conhecimento; classe 2, ferramenta de investigação; e classe 3, objeto de aplicação. Conclusão: A ARS é uma metodologia pouco utilizada no Brasil e nas produções da Psicologia,

apresentando-se como uma área de investigação de carácter promissor e potencial. Enquanto ferramenta investigativa, mostrou-se capaz de contribuir com o serviço de variadas áreas, demonstrando sua aplicabilidade interdisciplinar. O estudo das crenças, atitudes e comportamento é prevalente, somente, nas produções que estudam redes e mídias sociais na internet, o que demonstra a dimensão desse vasto campo inexplorado.

**Palavras-chave:** Análise de Redes Sociais; Psicologia; Crenças.

### **Abstract**

Objective: Understand to what extent the analysis of social networks (ARS) can help the works produced by Brazilian Psychology and the study of beliefs. Method: Systematic review of scientific articles in SciELO, PePSIC, Index Psi, LILACS and PsycINFO databases, using the term “social network analysis”. The final bank included in the analysis consisted of 136 articles, with a summary of the abstracts for the corpus. The material was subjected to quantitative analysis of textual data with the aid of the Iramuteq software. Results: From the descending hierarchical classification (CHD), the emergence of three classes: class 1, production and knowledge; class 2, research tool; and class 3, object of application. Conclusion: ARS is a methodology little used in Brazil and in Psychology productions, presenting itself as an area of research with a promising and potential character. As an investigative tool, it was able to contribute to the service of various areas, demonstrating its interdisciplinary applicability. The study of beliefs, attitudes and behavior is prevalent only in productions that study networks and social media on the internet, which demonstrates the dimension of this vast unexplored field.

**Keywords:** Social Network Analysis; Psychology; Beliefs.

### **Introdução**

O surgimento da ARS é demarcado em diversas perspectivas teóricas. É no início do século XX, a partir da década de 1930, que as discussões sobre suas origens se intensificaram. Suas raízes na Psicologia emanam da sociometria, com a invenção do sociograma, desenvolvido por Jacob Moreno, na tentativa de medir e representar graficamente as relações interpessoais (Moreno, 1937). Seguidamente, perpassa a Antropologia, com os trabalhos produzidos por Jonh Barnes, Elizabeth Bott e J. Clyde Mitchell (Mizruchi, 2006). Na Sociologia, desenvolve-se nas décadas de 1960 e 1970, a análise estrutural de origem sistêmica. Neste momento, a ARS pode ser vista como um subtipo de alicerce geral, decorrentes da preocupação com as propriedades formais da vida social ao considerar as estruturas sociais enquanto principal via para afetação do comportamento humano, com suas raízes em Durkheim, Karl Marx e Simmel (Mizruchi, 2006; Recuero, 2014).



Já na Matemática, por volta do século XVIII, o trabalho de Euler é estruturado na tentativa de solucionar o enigma das pontes para acessar a cidade prussiana de Königsberg, desenvolvendo o primeiro teorema da teoria dos grafos (Souza & Quandt, 2008). Com isso, ele demonstra que a solução do problema não será possível através da concepção de arestas, como as pontes, e vértices, enquanto conexão entre os territórios. A partir dos trabalhos de Euler, outros autores dedicaram-se ao estudo dos grafos na tentativa de melhor compreender os processos de construção e estruturação dos nós, ao estudar conjuntos de objetos e suas conexões, permitindo uma análise descritiva e qualitativa dos dados (Mizruchi, 2006). No campo estatístico, a ARS volta-se para os modelos probabilísticos ao testar hipóteses e analisar as redes multirrelacionais (Mizruchi, 2006; Souza & Quandt, 2008; Recuero, 2014).

Na década de 1960, Stanley Milgram desenvolve um experimento objetivando identificar o grau de separação entre as pessoas (Degenne & Forsé, 1999). Ele distribui uma quantidade específica de cartas entre os cidadãos de Nebraska e Kansas, com instrução para os destinatários reenviarem a seus conhecidos, na tentativa de chegar ao destino final, em Massachusetts, onde não possuíam qualquer relação pessoal. Os resultados do experimento apontaram que as correspondências chegaram ao destino final através de uma cadeia, em média, de cinco indivíduos. A conclusão apontou que, o comprimento médio de uma cadeia de conhecidos que leva uma pessoa a qualquer outra no mundo é de apenas seis pessoas. A partir disso, Milgram desenvolve o modelo de *pequenos mundos*, indicando que todas as pessoas estariam a pequenos graus de separação uma das outras. Logo, outros autores passam a demonstrar que a distância média entre duas pessoas no planeta não ultrapassa um pequeno número, configurando um atalho entre indivíduos, caracterizando os pequenos mundos (Degenne & Forsé, 1999).

Com esse breve histórico, os primeiros passos da teoria são traçados. A ARS é uma ferramenta metodológica de origem multidisciplinar, onde modelos e teorias formuladas a partir de conceitos e relações sociais podem ser matematicamente testados (Souza & Quandt, 2008). A rede social constitui-se de nós (vértices), que são os atores sociais, representando um indivíduo, uma categoria ou um grupo; as conexões estabelecidas entre os nós formam laços (arestas), indicando conexão, relação social e interação; estas conexões entre atores é formadora do tecido social (Recuero, 2017).

O estudo das redes sociais centra-se nos padrões relacionais entre pessoas e reverte o individualismo das ciências sociais em modo de análise estrutural (Macambira et al., 2013). O método rompe com o individual ao considerar os atores sociais, suas interrelações, as composições dos laços sociais e sua multiplexidade (Recuero, 2014). Contudo, pode-se observar na ARS uma perspectiva de análise estruturalista, ao buscar compreender a dinâmica das relações sociais a partir dos fundamentos de microteorias interdisciplinares (Macambira et al., 2013).

A ARS é capaz de realizar coletas qualitativas, por meio de entrevista, questionário ou observação com os indivíduos pertencentes a rede estudada, bem como, coletas quantitativas, através de dados preexistentes, por meio da captura de interações sociais utilizando-se ferramentas específicas. As técnicas qualitativas e quantitativas podem ser utilizadas de forma combinada, a depender do objetivo do estudo (Recuero, 2017).

Historicamente, a aplicação da ARS pode ser realizada em diferentes situações e questões sociais, sua aplicação se dá em diversos campos teóricos, auxiliando diversos estudos das mais variadas abordagens, pois, a análise de redes sociais estabelece um novo paradigma na pesquisa sobre a estrutura social (Marteleto, 2001). Devido à elevação do número de dados disponíveis publicamente em ferramentas de comunicação mediada por computador, a ARS ganha projeção ao favorecer a visualização de uma ampla quantidade de dados, possibilitando a apreensão quantitativa das interações, bem como, gera matrizes e gráficos para melhor compreensão e visualização das relações capturadas (Recuero, 2017). O método é capaz de predispor uma investigação com múltiplos e simultâneos níveis de análise, contrapondo-se ao reducionismo metodológico (Souza & Quandt, 2008; Recuero, 2017).

No Brasil, a ARS obteve crescente progresso na última década (Tomaél & Marteleto, 2013; Recuero, 2017). Mesmo possuindo raiz na Psicologia, a ARS tem demonstrado poucos avanços na ciência psicológica, considerando o contexto brasileiro. Contudo, não foi identificada uma resposta na literatura, o que demonstra uma lacuna de conhecimento a ser preenchida. Logo, o presente artigo tem por objetivo compreender como vem sendo aplicada a metodologia de análise de redes sociais (ARS) em estudos que têm como cenário a psicologia e o estudo das crenças no contexto brasileiro, na tentativa de (1) verificar como a psicologia vem utilizando a metodologia da ARS e (2) analisar o que esses achados proporcionam à ciência psicológica e ao estudo das crenças.

## Método

### Material

Inicialmente foi realizada uma busca nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), Index Psi, LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e PsycINFO. A escolha das bases citadas guiou-se por sua representatividade nas produções brasileiras e seu amplo alcance, viabilizando, então, a procura dos artigos dentro da temática desejada.

Nas quatro primeiras bases, o termo de busca com operadores booleanos foi “análise de redes sociais”. Já na última base foram utilizados os termos “social network analysis” AND “brazilian” OR “brazil\*” OR “portuguese”. Como o interesse desse estudo foi compreender, a partir dos artigos científicos já publicados, em que medida a ARS pode auxiliar os trabalhos produzidos pela Psicologia brasileira e o estudo das crenças, optou-se por não delimitar na busca o período de publicação. Na tentativa de evitar o risco de excluir estudos importantes em virtude apenas da data de sua divulgação, foram incluídos todos os trabalhos publicados até dezembro de 2019, quando a busca foi finalizada.

Os artigos foram analisados a partir dos seguintes critérios de inclusão: ser artigo científico disponível, publicado ou indexado nas bases buscadas; estar relacionado à área da Psicologia brasileira ao contribuir para o estudo das atitudes, crenças, comportamento e interação social; apresentar relação interdisciplinar; estar disponível na íntegra até o período de dezembro de 2019; ser produzido no contexto brasileiro; possuir ao menos um autor ou pesquisador brasileiro.

Já, os critérios de exclusão, foram: temáticas que não contemplaram o objetivo proposto no artigo (atitudes, crenças, comportamento e interação social); duplicidade entre as bases; produções em idioma diferente do português; e literatura cinza (dissertações e teses). Para checagem dos critérios de inclusão e exclusão, os textos completos dos artigos selecionados foram analisados na íntegra, resultando em 136 artigos.

### Análise dos Dados

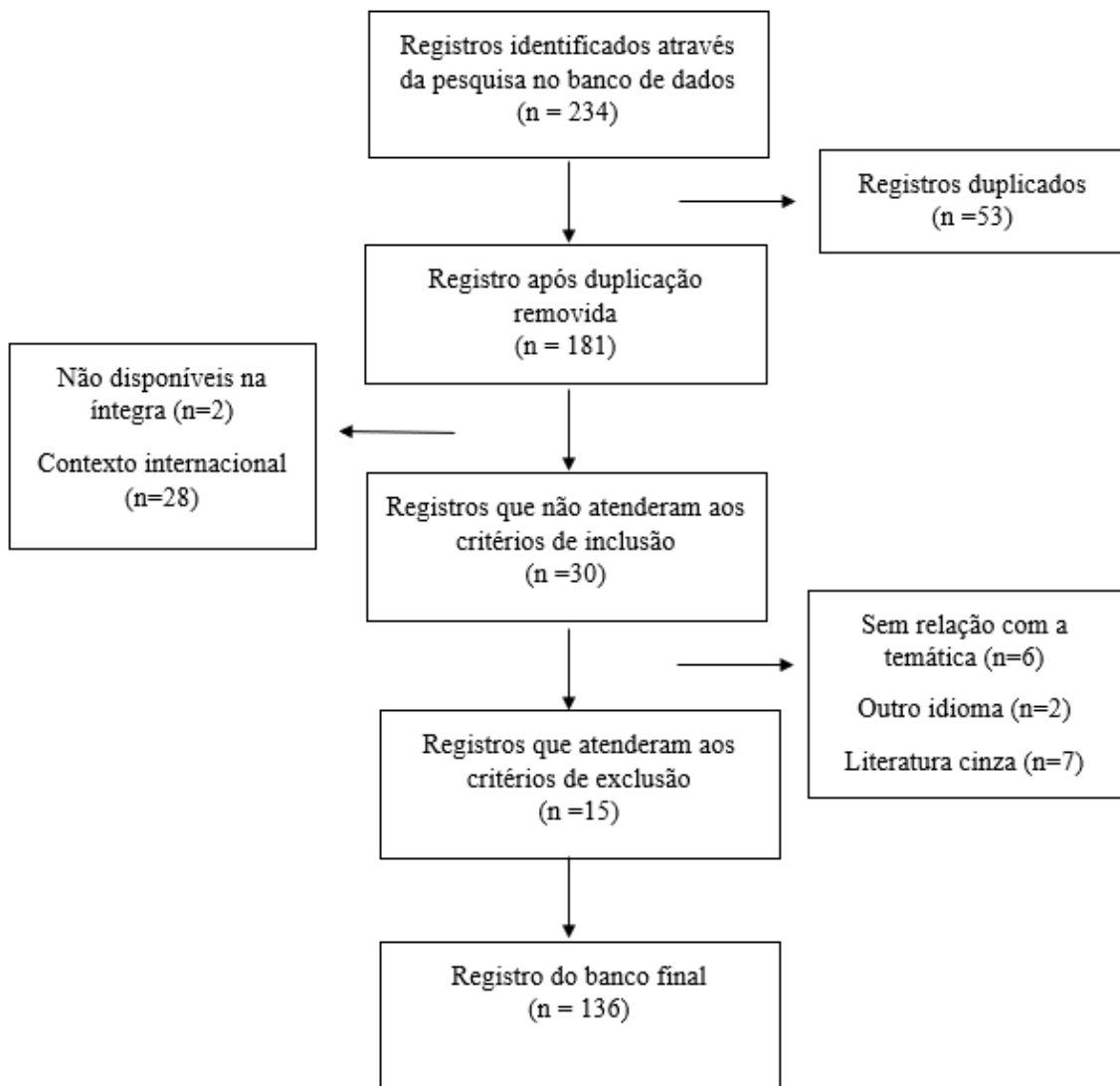
Como ferramenta de análise, utilizou-se o *software* Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009) e licenciado por GNU GPL (v2), apoiado no *software* R (*R Development*

Core Team, 2016) e na linguagem de programação *Python* ([www.python.org](http://www.python.org)). Este possibilita a realização de análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas, indivíduos ou palavras onde, as diferentes classes emergentes do corpus do texto configuram o espaço de sentido das palavras narradas (Justo & Camargo, 2013).

Após elaboração do *corpus* textual, composto pelos resumos dos artigos filtrados, cada um representando uma unidade de contexto inicial (UCI), realizou-se uma análise hierárquica descendente (CHD), considerando as seguintes classes gramaticais ativas: adjetivo e nome comum. As demais classes gramaticais foram consideradas como suplementares. Com esse procedimento tornou-se possível classificar os segmentos de textos de acordo com seus respectivos vocabulários, tendo por base a frequência e o  $\chi^2$  (qui-quadrado), possibilitando a criação de classes de unidades de contexto elementares (UCEs), formadas por classes lexicais e segmentos de texto específicos de um dado textual. Posteriormente, as classes de contextos elementares (UCEs) foram nomeadas e descritas. Em seguida, realizou-se as análises de nuvem de palavras, referente ao agrupamento e organização gráfica das palavras em função de sua frequência, bem como, a análise de similitude, baseada na teoria dos grafos, possibilitando identificar as co-ocorrências entre as palavras e as indicações da conectividade, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um corpus textual (Ratinaud & Marchand, 2012; Justo & Camargo, 2013).

## **Resultados**

A busca inicial nas bases de dados, para extração dos produtos, gerou um total de 234 artigos (SciELO: 175; LILACS: 57; PePSIC: 02; Index Psi: 0; PsycINFO: 0). Na primeira triagem, foram excluídos 53 trabalhos duplicados entre as bases. Dos 181 artigos restantes, 30 não atenderam aos critérios de inclusão, destes, 02 artigos não estavam disponíveis na íntegra, 28 artigos foram produzidos em contexto diferente do brasileiro. 15 artigos atenderam ao critério de exclusão, ou seja, 06 artigos não apresentaram relação com a temática proposta, 02 artigos estavam em idioma diferente do português e 07 artigos eram de literatura cinza. Restaram, portanto, 136 artigos (ver Figura 1).



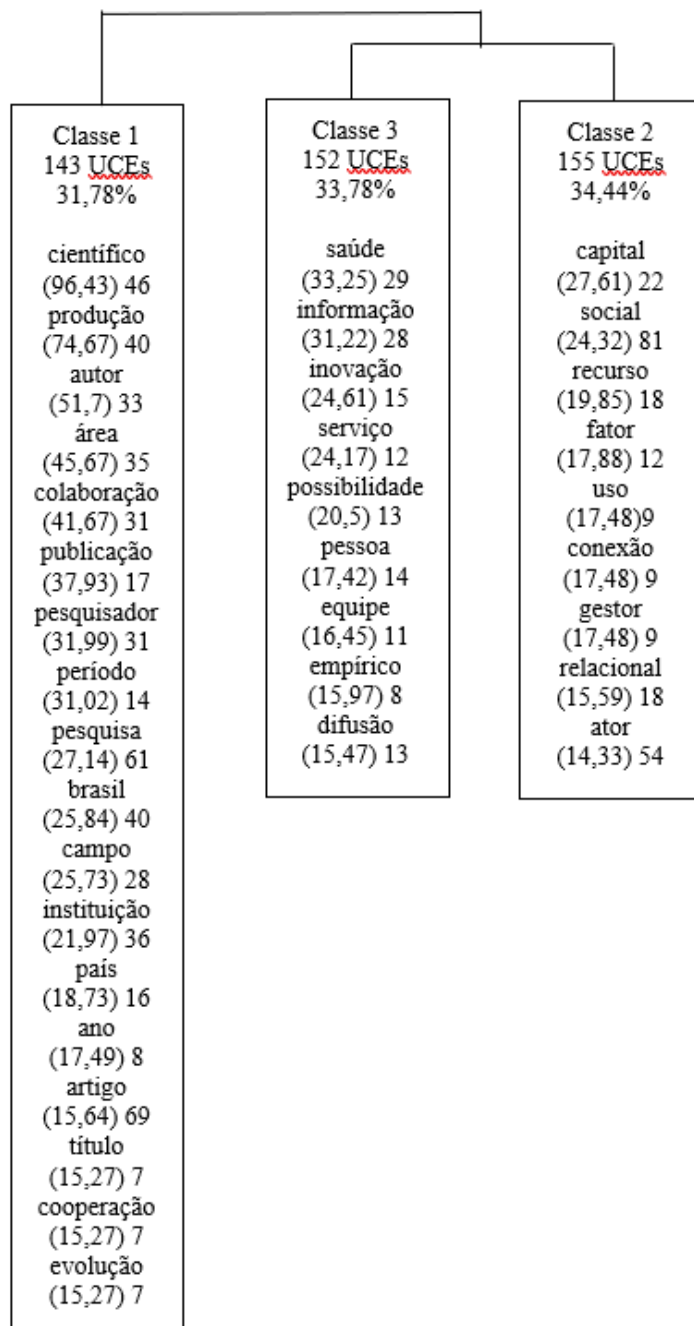
**Figura1** - Fluxograma de seleção dos artigos (Autora, 2020).

### Classificação Hierárquica Descendente

Posteriormente, após o recorte dos resumos para formação do *corpus*, efetuou-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) para análise. Com esse procedimento tornou-se possível classificar os segmentos de textos de acordo com seus respectivos vocabulários, tendo por base a frequência e o  $\chi^2$ , possibilitando a criação de classes de unidades de contexto elementares (UCEs), formadas por classes lexicais e segmentos de texto específicos de um dado textual (Justo & Camargo, 2013).

A CHD do corpus foi formada por 136 UCIs, separados em 563 UCEs, com aproveitamento de 450 (79,93%). Emergiram 19.691 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 3.823 palavras distintas e 2.096 com uma única ocorrência. O conteúdo

analisado foi categorizado em três classes de segmentos de texto: classe 1, com 143 UCEs (31,78%), classe 2, com 155 UCEs (34,44%) e classe 3, com 152 UCEs (33,78%). No dendograma (ver Figura 2), dividido em duas ramificações (A e B), o subcorpus A, representado pela classe 1, e o subcorpus B, composto pela classe 2 e classe 3, foram descritas as palavras cujos qui-quadrado foram iguais ou superior ao valor mínimo adequado ( $\chi^2 \geq 3,84$ ), bem como, os valores de  $\chi^2$  descritos entre parênteses, seguido da frequência média de cada palavra.



**Figura 2** - Dendograma da classificação hierárquica descendente do corpus (Autora, 2020).

A classe 1 foi intitulada “produção e conhecimento” (31,78% das UCEs), por apresentar aspectos relacionados a indicadores de produção e colaboração do campo científico, apreendidos por meio da metodologia de análise de redes sociais (ARS). Abordou ainda, a investigação de variadas áreas do conhecimento, favorecendo a interdisciplinaridade; relações de colaboração científica entre os pesquisadores; metodologias de análise de produções (análise de redes sociais, bibliometria, sociometria, revisão sistemática da literatura); e delimitação de períodos e locais de busca para realização da análise das publicações. O contexto brasileiro e as instituições públicas de ensino mostraram-se como mais prevalentes nas publicações. A pesquisa mostrou-se atrelada a variadas facetas, tais como, os grupos, instituições e campos de pesquisa. Houve também, a descrição das estruturações do campo científico, teórico e temático, bem como, a cooperação entre pesquisadores e instituições. Essa classe pode ser ilustrada a partir dos seguintes trechos: “debate sobre os modos de produção do conhecimento científico no Brasil”; “organização do campo científico com implicações no modo de produção do conhecimento” e “para compreender motivações e visualizar as relações de colaboração, observa a tendência de organização coletiva da ciência”.

A classe 2 foi nomeada como “ferramenta de investigação” (34,44% das UCEs) por utilizar-se da ARS como principal ferramenta e recurso metodológico, ao retratar o capital social como principal recurso de investigação, considerando sua acessibilidade a partir das redes sociais, bem como, os padrões relacionais expressos a partir da formação de colaboração e estruturação de normas entre os sujeito e membros dos grupos. Apresenta a condicionalidade dos recursos aos fatores culturais, econômicos, políticos, sociais, internos e externos, apontando para laços relacionais e dinâmicos entre grupos e padrões de redes sociais enquanto recurso a ser assimilado. O fragmento a seguir ilustra esta classe: “analisando os fatores de previsão da performance individual, explorando sua relação com as características relevantes dos indivíduos”; “a rede social constitui elemento central para mobilização de capital social, pois sua estrutura pode oferecer as condições necessárias para o acesso e uso de recursos nela existente”; “para apreender o processo de construção e atuação dos atores sociais a partir do seu pertencimento a um espaço relacional e dinâmico”.

A classe 3 foi denominada “objeto de aplicação” (33,78% das UCEs), ao retratar o campo social como principal objeto de utilização da ARS. Mostraram-se prevalentes os aspectos da interação social e suas interrelações, através de pessoas, serviços e equipes,

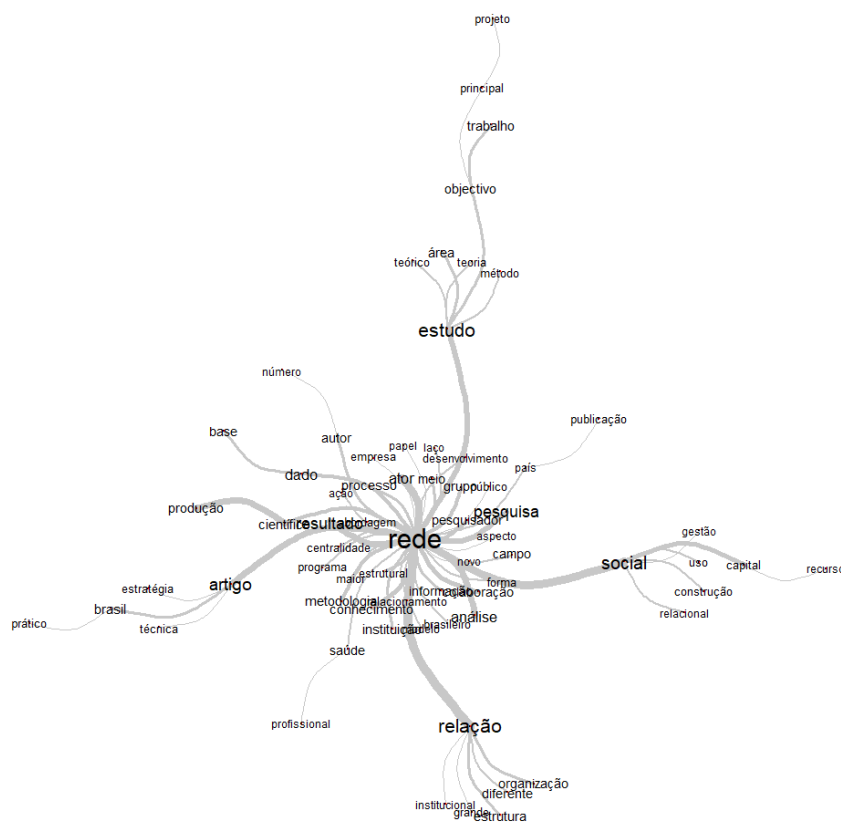




## Análise de similitude

Por fim, seguindo o padrão da análise anterior, efetuou-se a análise de similitude (Figura 4), um modelo de análise baseado na teoria dos grafos, permitindo a visualização de coocorrências das palavras e as indicações de conexidade entre elas, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um corpus textual. As árvores representam as coocorrências e compõe-se a partir de núcleos centrais, emergindo suas possíveis ramificações (Justo & Camargo, 2013).

Além da centralidade do termo “rede”, palavras como “relação”, “social”, “estudo”, “pesquisa”, “resultado” e “artigo” também obtiveram destaque na análise, atuando na organização dos demais elementos do *corpus*, isto é, os resumos das produções brasileiras sobre ARS. Logo, essas palavras são as mais presentes no banco de dados textual (resumo dos artigos) e, ainda, as responsáveis pela conexão com as demais palavras do *corpus* analisado.



**Figura 4 -** Árvore de coocorrência – análise de similitude do *corpus* (Iramuteq, 2009).

Sobre o período de publicação, os anos de 2015 (n=21) e 2016 (n=21) se destacaram por terem concentrado 30,8% da amostra estudada. Na amostra coletada, a primeira publicação utilizando a ARS data o ano de 2004 (n=2), já a última, data o ano de 2019 (n=9), período em que a busca foi finalizada.

Verificou-se que áreas como direito, administração, economia, ciência da informação, enfermagem, psicologia e sociologia, são as mais prevalentes nas produções e publicações de estudos com o uso de ARS no Brasil. Estas áreas de conhecimento vêm produzindo artigos teóricos, qualitativos e quantitativos, uma vez que, poucas produções utilizaram método experimental.

Todos os artigos utilizaram a ARS como método principal, poucas publicações fizeram a utilização de metodologias complementares ou combinados. As formas de investigação mais prevalentes na análise de dados foram os *softwares* Ucinet, NetDraw, Gephi e Pajek. Os dados apontam ainda, que o método da ARS é bastante utilizado em pesquisas cujo cenário é a atenção primária e saúde coletiva, sendo a maior parte dos objetivos formas de investigar as relações interinstitucionais e interpessoais.

### **Discussão**

Verificou-se, inicialmente, que a ARS está atrelada diretamente às formas produção e propagação do conhecimento, apresentando-se como uma área de investigação de caráter promissor e potencial ao demonstrar a operacionalização de um modelo de aplicação e investigação (Mareteleteo, 2001; Leite, 2014; Magalhães & Brito, 2015; Recuero, 2017).

A maioria dos estudos estão voltados para pesquisas de redes de dados de um modo (*one mode network*), esta busca investigar um conjunto de atores similares ao analisar seus nós pertencentes a mesma categoria, onde todos os nos representam organizações, grupos sociais ou perfis. Já, as redes de dados de dois modos (*two mode network*) podem, em uma mesma rede, possuir diferentes categorias de nós, fazendo referência as ligações entre dois conjuntos de entidades. Na literatura científica, há prevalência de publicação de redes de um modo, em comparação a rede de dois modos, superando aproximadamente em 80% as produções (Borgatti et al., 2009; Tomaél & Marteleto, 2013; Recuero, 2017). O mesmo padrão prevalente de redes de um modo (*one*

*mode network*) apontado na literatura, foi verificado nas publicações analisadas do presente estudo.

Considerando-se que a coleta de dados foi realizada nas cinco maiores bases de produção da Psicologia (SciELO, PsycInfo, Lilacs, Index Psi e PsycINFO), este resultado demonstra que a ARS é uma metodologia pouco utilizada no Brasil e nas produções da Psicologia. Já, no que se refere a ARS enquanto ferramenta investigativa, os dados obtidos na presente pesquisa corroboram com a literatura da área, apondo-a como metodologia capaz de contribuir com o serviço de variadas áreas do conhecimento, demonstrando sua aplicabilidade interdisciplinar (Mizuchi, 2006; Souza & Quandt, 2008; Marteleto, 2013; Recuero, 2017).

Com base nos resultados obtidos, pode-se visualizar a ARS enquanto principal metodologia utilizada nos estudos, em decorrência da sua ampla capacidade de coletar um número elevado de dados e estabelecer a análise das redes, bem como, suas interações e as formas emergentes de softwares de coleta e análise de dados que auxiliam o trabalho do pesquisador (Leite, 2014; Magalhães & Brito, 2015; Recuero, 2017).

A palavra rede revelou-se como palavra central nas análises, demonstrando uma duplicidade de sentido. Em um primeiro momento, algumas produções utilizaram-se do termo para designar redes de coautoria e interrelação entre atores sociais, constituída por pesquisadores e suas relações sociais de colaboração científica e construção de conhecimento. Seguidamente, o termo passou a ser utilizado enquanto redes e mídias sociais na internet, representadas e constituídas pelas interações através do Facebook, Instagram e Twitter. Contudo, verificou-se que o estudo das crenças, atitudes e comportamento é prevalente, somente, nas produções que estudam redes e mídias sociais na internet, o que demonstra a dimensão desse vasto campo inexplorado.

Quanto aos objetos de aplicação, o comportamento é posto como principal objeto de busca, coleta e análise; sendo a ARS capaz de propor um novo paradigma para a pesquisa, ao estudar o comportamento ou opiniões dos indivíduos a partir da estrutura a qual ele se insere, do conjunto de relações e interações (Tomaél & Marteleto, 2013). A estrutura é capturada com suas relações, interações, orientações, comportamentos, opiniões e limitações dos indivíduos que a compõe. Concretamente, tal resultado corrobora com a conceituação do método ao compreender que, a ARS não representa um fim em si mesma, ela se constitui como meio, enquanto ferramenta para uma análise estrutural,

demonstrando que a forma de rede é capaz de explicar os fenômenos analisados (Marteletto, 2001). Logo, seu objetivo é demonstrar que a díade, construída a partir da interação entre duas pessoas, só tem sentido quando relacionada conjuntamente com outras díades da rede (Mizruchi, 2006). Em tese, a ARS é aplicável a qualquer assunto ou temática empírica (Mizruchi, 2006; Marteletto, 2001; Tomaél & Marteletto, 2013).

Vale salientar algumas limitações da metodologia de análise de redes sociais. Um dos principais problemas está atrelado a questões éticas, a maioria dos sites de redes sociais explicitam que seus conteúdos são publicados abertamente e os usuários podem optar por configurá-los como privado, sempre que preferirem. Contudo, os dados capturados nas APIs (Application Programming Interface) são os dados públicos e abertos. Logo, fica a cargo do usuário compreender e configurar sua privacidade, desconhecendo que seus dados estão sendo utilizados e expostos. Comitês de ética de todo o mundo tem voltado sua atenção para a utilização de bases de dados sem a autorização dos participantes, uma vez que, a análise de dados pode expor indivíduos em situações vulneráveis e de risco. Desse modo, é imprescindível o anonimato dos dados capturados, mesmo os dados públicos (Recuero, 2014; 2017).

### **Considerações Finais**

A partir das discussões, podemos apontar as principais contribuições da ARS para o campo da Psicologia e o estudo das crenças. A partir da análise textual proposta na presente pesquisa, verificou-se que a ARS é capaz de produzir conhecimento, desenvolver-se enquanto ferramenta investigativa e utiliza-se da interação social e do comportamento enquanto principais objetos de aplicação.

O objeto de estudo da ARS deve possuir uma estrutura que permita o seu mapeamento, para melhor compreender o fenômeno investigado (Recuero, 2017). O que é perfeitamente possível no campo da Psicologia, com o estudo das crenças, atitudes e comportamentos dos sujeitos que constituem as redes. Ao realizar o recorte de uma rede, para melhor visualização e compreensão, a estrutura torna-se acessível ao pesquisador, bem como os elementos capturados (Tomaél & Marteletto, 2013).

A ARS guia os dados empíricos e a produção de conhecimento para o centro da pesquisa, apresentando uma resolução parcial da problemática de se trabalhar com uma grande quantidade de dados, sendo capaz de auxiliar o mapeamento, observando as estruturas construídas em decorrência das interações dos atores, além de sistematizar a

coleta e análise de dados, favorecendo a visualização de padrões de mídias digitais (Recuero, 2014; 2017).

Seu caráter interdisciplinar e sua diversificada utilização, possibilitam uma análise da estrutura dos grupos sociais a partir de uma pluralidade de focos, objetivos e pontos de vista, servindo as ciências sociais, humanas e exatas (Recuero, 2014). Essa multiplicidade de foco torna possível o diálogo com vários campos e perspectivas científicas. A ARS tem seu foco nos padrões e na estrutura dos dados, proporcionando uma melhor percepção e compreensão das interrelações entre os conceitos teóricos buscados e os dados empíricos disponibilizados na rede (Mizruchi, 2006; Marteleto, 2001; Tomaél & Marteleto, 2013; Recuero, 2014; 2017).

O presente estudo fornece as primeiras tentativas de sistematização do campo da ARS na Psicologia brasileira. Estas foram as principais contribuições e novas pesquisas são essenciais para ampliação do trabalho apresentado, futuros estudos serão capazes de explorar de modo mais profundo o campo da ARS, bem como seus efeitos e impactos na Psicologia e nas produções científicas.

## Capítulo 2

### O preconceito e a discriminação racial brasileira à luz da análise de redes sociais no Facebook

#### Resumo

**Objetivo.** Produzir, a partir da aplicação da ARS em uma página, um mapeamento das informações sobre o preconceito e discriminação racial que circulam nos espaços virtuais online disponibilizados pelo Facebook, apresentando uma introdução à metodologia de pesquisa digital à luz da Psicologia Social. **Método.** Essa é uma pesquisa quanti-qualitativa que utilizou a metodologia da ARS a partir das métricas in-degree, out-degree, closeness e betwensness, para realizar um mapeamento na página @sitemundonegro no Facebook, durante um período de coleta de seis meses, mediante aplicação de *softwares* de extração (Netvizz) e visualização (Gephi) de dados de redes sociais *online*. **Resultados.** Na métrica in-degree, os nos @facebook, @microsoft, @skipe e @MSN, absorveram mais conhecimento e informação. A métrica out-degree, referente aos nos mais atuantes no compartilhamento do conhecimento, destacou as páginas @thenextweb e @mulhernegrasescia. Com a métrica closeness, os nos @kickstarter, @TNWevents, @thenewxtweb, @BBCTrending, @engadget, @wmoninha, @michelleobama, @barackobama e @sitemundonegro apresentaram maior proximidade. Na métrica betwensness, os nos @skipe @microsoft, @engadget @facebook @thenextweb @mulhernegrasescia e @sitemundonegro se destacaram na capacidade de intermediar o fluxo da informação. **Conclusões.** As RSO compõem o centro das atividades *online*,

elevando o potencial de ligações humanas ao mesmo tempo em que favorecem o domínio de grandes empresas tecnológicas e seus interesses econômicos, facilitando a manipulação do tecido social através de ferramentas algorítmicas. Com o mapeamento da rede foi possível evidenciar o aumento do diálogo a respeito da temática do preconceito e da discriminação racial. A interação entre páginas foi capaz de formar um campo privilegiado de visibilidade e ressignificação do negro no Brasil, fortalecendo a identidade negra e produzindo novas subjetividades através das relações com outros indivíduos negros.

**Palavras-chave:** Preconceito; Análise de Redes Sociais; Facebook; Psicologia.

### Abstract

**Objective.** Produce, from the application of the ARS on a page, a mapping of the information about racial prejudice and discrimination that circulate in the virtual online spaces provided by Facebook, presenting an introduction to the digital research methodology in the light of Social Psychology. **Method.** This is a quanti-qualitative research that used the ARS methodology based on the metrics in-degree, out-degree, closeness and betweenness, to perform a mapping on the @sitemundonegro page on Facebook, during a six-month collection period, through application of extraction software (Netvizz) and visualization (Gephi) of data from online social networks. **Results.** In the in-degree metric, the @facebook, @microsoft, @skipe and @MSN, absorbed more knowledge and information. The metric out-degree, referring to those most active in knowledge sharing, highlighted the pages @thenextweb and @mulhernegrasescia. With the closeness metric, the @kickstarter, @TNWevents, @thenewxtweb, @BBCTrending, @engadget, @wmoninha, @michelleobama, @barackobama and @sitemundonegro were more similar. In the betweenness metric, the nos @skipe @microsoft, @engadget @facebook @thenextweb @mulhernegraecia and @sitemundonegro stood out in their ability to mediate the flow of information. **Conclusions.** RSO is at the center of online activities, increasing the potential for human connections while favoring the dominance of large technological companies and their economic interests, facilitating the manipulation of the social fabric through algorithmic tools. With the mapping of the network, it was possible to evidence an increase in dialogue regarding the theme of prejudice and racial discrimination. The interaction between pages was able to form a privileged field of visibility and redefinition of blacks in Brazil, strengthening black identity and producing new subjectivities through relationships with other black individuals.

**Palavras-chave:** Prejudice; Social Network Analysis; Facebook; Psychology.

### Introdução

O Facebook destaca-se como a mídia social mais acessada do mundo, alcançando 2,5 bilhões de usuários ativos no quarto trimestre de 2019 (Statista, 2020). No Brasil, o Facebook é acessado por 80% dos brasileiros que possuem internet, representando mais

de 89 milhões de internautas conectados diariamente à rede social, o que aloca este país no terceiro lugar do ranking mundial de acessos. Esses números tornam o Facebook uma proeminente mídia digital para coleta de dados, também considerando sua forte aceitação social (Statista, 2020).

Nos últimos anos, o sucesso crescente do Facebook favoreceu o desenvolvimento de variadas ferramentas analíticas de extração e visualização dos conteúdos produzidos, e tais ferramentas permitem a visualização do conjunto de relações estabelecidas por um determinado ponto da rede, especificado de acordo com o tema (Coutinho, Esher & Osorio-de-Castro, 2017).

Em decorrência da elevação do número de dados disponíveis publicamente em ferramentas de comunicação mediadas por computador, a análise de redes sociais (ARS) ganha projeção ao favorecer a visualização de uma ampla quantidade de dados, possibilitando a apreensão quantitativa das interações, bem como, uma melhor compreensão e visualização das relações capturadas (Souza & Quandt, 2008), o que permite uma análise que vai além das métricas, simplesmente.

A ARS é uma ferramenta metodológica de origem multidisciplinar (Souza & Quandt, 2008). Esta, busca compreender a dinâmica das relações sociais (Macambira, Bastos & Rossoni, 2013). Sua aplicação é realizada através da rede social, constituída por nós (vértices), que são os atores sociais, representando um indivíduo, uma categoria ou um grupo; e por conexões estabelecidas entre os nós, formando laços (arestas), indicando relação social e interação entre os atores, formando o tecido social (Recuero, 2017).

A ARS pode ser realizada em diferentes situações e questões sociais, sua aplicação se dá em diversos campos teóricos, auxiliando diversos estudos das mais variadas abordagens (Marteleto, 2001). Assim, a metodologia da ARS é capaz de predispor uma investigação com múltiplos e simultâneos níveis de análise, contrapondo-se ao reducionismo metodológico (Souza & Quandt, 2008).

Nos últimos anos, a atenção dos pesquisadores tem se voltado para pesquisas na internet e esse fenômeno tem possibilitado pesquisas em várias áreas do conhecimento (Camboim, Bezerra & Guimarães, 2015). O estudo da cybercultura, espaço *online* de estudo dos dispositivos da internet e das redes sociais, é amparado em um conjunto de processos tecnológicos, midiáticos e sociais que emergiram a partir da internet, do uso de

novas tecnologias digitais e das redes sociais, sendo considerado uma forma específica de cultura (Castells, 1999).

Assim, a internet é alocada ora como um cyberspaço propenso a utilização de instrumentos de pesquisa, enquanto meio de coletas de dados, ora como objeto de pesquisa, favorecendo a investigação de suas próprias características (Camboim, Bezerra & Guimarães, 2015). A internet, enquanto espaço e objeto de pesquisa, pode ser utilizada para pesquisas quantitativas, analisando números e as experiências dos usuários, e para pesquisas qualitativas, analisando textos e interações entre os usuários na tentativa de verificar quem e como utiliza a internet, e suas diversidades nos grupos sociais (Flick, 2013).

Vale salientar que, em nível nacional, a metodologia da ARS aplicada ao estudo do preconceito racial no campo da Psicologia brasileira não é prevalente (Sacco, Couto e Koller, 2016). Isso, em grande parte, deve-se ao fato do campo de pesquisa da Cibercultura estar vinculado a diversas áreas de conhecimento e por ser representado de forma secundária ou superficial nas pesquisas, o que favorece a multidisciplinaridade ao mesmo tempo em que proporciona a ausência de consolidação temática (Rosa & Santos, 2015).

Como aponta uma revisão sobre metodologias (Camboim, Bezerra & Guimarães, 2015), que apresentou um levantamento quantitativo sobre metodologias utilizadas em dissertações, e verificou que entre os anos de 2007 e 2013 foram realizadas 66 dissertações, destas, apenas 19 utilizaram a internet como espaço para aplicação de métodos e ferramentas de coleta de dados. Os autores (2015) verificaram a inexistência de pesquisas explicativas, o que demonstra que os trabalhos estão em fase incipiente, pois, voltam-se para a observação do fenômeno enquanto pesquisa exploratória, ou para descrição de como o fenômeno se comporta, seguindo o modelo descritivo. Já com relação à análise de redes sociais, das 19 dissertações que utilizaram a internet para aplicação de métodos e ferramentas, apenas 2 utilizaram a metodologia da ARS, representando 11% da amostra total, demonstrando a escassez nas produções (Camboim, Bezerra & Guimarães, 2015).

Apesar de ser um campo ainda vasto à exploração, um dado chama bastante atenção, trata-se do racismo *cybernético*, que ocupa o topo das denúncias no Facebook no Brasil (Raul, 2019). Segundo Carvalho e Rocha (2016), quando o racismo ocorre no



*cyberespaço*, ele é nomeado de *cyberracismo*, numa tentativa de explicar e capturar o racismo no contexto *online*. Suas características estão voltadas às ideias de exclusividade racial, nacionalismo, superioridade, separação e segregação, além disso, o *cyberracismo* se manifesta de variadas formas em sites, imagens, vídeos e comentários *online* em redes sociais (Carvalho e Rocha, 2016).

Um estudo elaborado por Tynes, Ryan e Rose (2015), objetivou realizar um levantamento dos episódios de *cyberracismo* em 340 adolescentes de diversas etnias. Os resultados indicados pelos autores (2015) apontam que 42% dos alunos do primeiro ano, 55% dos alunos do segundo ano e 58% dos alunos do terceiro ano do ensino médio vivenciaram algum tipo de agressão discriminatória *online* uma semana antes de responderem à pesquisa. Com efeito, variados modos de *cyberracismo* foram identificados, tais como, injúria e difamação, estereótipos e piadas racistas, declarações simbólicas de ódio e imagens discriminatórias de negros (Tynes, Ryan & Rose, 2015).

Diante desse cenário, em que medida os importantes espaços virtuais de circulação da informação mapeados por software, evidenciam, através da afinidade entre páginas, os desdobramentos do preconceito e da discriminação racial no Brasil?

A fim de responder a esse questionamento, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa com o objetivo de produzir, a partir da aplicação da ARS em uma página, um mapeamento das informações sobre o preconceito e discriminação racial que circulam nos espaços virtuais disponibilizados pelo Facebook, apresentando uma introdução à metodologia de pesquisa digital, mais especificamente, a utilização de *softwares* de extração e visualização de dados em redes sociais à luz da Psicologia Social.

Este estudo se justifica pelo fato de o Facebook ser uma mídia digital utilizada por grupos sociais e minorias, oferecendo suporte aos sujeitos que já vivenciaram ou vivenciam o preconceito racial, instrumentalizando dados referentes ao preconceito e a discriminação, favorecendo a compreensão e conhecimento das temáticas referentes ao preconceito racial. Ademais, espera-se colaborar com as pesquisas da área, políticas públicas, serviços de saúde e minorias sociais, incitando novos olhares para o estudo do estereótipo, preconceito e discriminação racial.

## **Método**

Esta é uma pesquisa quanti-qualitativa que fez uso da ARS para compreender os espaços virtuais de circulação de informação sobre o preconceito e discriminação racial no Brasil. A escolha desse método se deu em decorrência da tentativa de qualificar os dados coletados no contexto em que estão inseridos, o Facebook, sendo capaz de focar no fenômeno social que é o preconceito e a discriminação racial no Brasil à luz da Psicologia Social.

Foram utilizadas duas ferramentas para o levantamento dos dados produzidos a partir das interações do Facebook, os softwares Netvizz (<https://apps.facebook.com/netvizz/>) e Gephi (<https://gephi.org/users/download/>).

O software Netvizz é uma ferramenta complementar, disponibilizada em forma de aplicativo, para estatísticas tradicionais que objetiva, através do pensamento visual, com interfaces interativas, facilitar o raciocínio e possibilitar a extração de dados ao acessar diretamente rotinas e padrões definidos pelo Facebook (Rieder, 2013).

Se um usuário comenta ou curte um post, um laço é criado entre o usuário e a postagem, formando um elo de ligação por onde passam informações de um ponto a outro. E, além do mais, o aplicativo fornece um grafo que apresenta como acontece a interação entre os participantes das páginas, os comentários e as reações. O Netvizz permite a extração de dados de grupos e páginas abertas, e se propõe a manter o sigilo dos usuários cujas interações e ações serão transformadas em dados, para isso, utiliza-se de um identificador numérico fictício na intenção de manter o anonimato para preservar o usuário.

Já o software Gephi, auxilia na visualização das informações extraídas pelo Netvizz, transformando-as em um grafo e explorando o fluxo de informações, interesses e motivos que agrupam pessoas (Coutinho, Esher & Osorio-de-Castro, 2017). Este é um software livre, desenvolvido para ser aplicado aos conceitos de redes sociais (Bastian, Heymann e Jacomy, 2009).

Para análise, foi escolhida especificamente a *fanpage* “Site Mundo Negro” (<https://www.facebook.com/sitemundonegro/>). Essa escolha se deu em decorrência de três critérios: primeiro, por ser um portal com temáticas voltadas para a comunidade negra no Brasil; segundo, por seu elevado potencial de interação, ao possuir cerca de 210.823 seguidores e 209.183 curtidas, e terceiro, por ser uma página aberta. A *fanpage* “Site Mundo Negro” é um portal de notícias sobre a comunidade negra no Brasil, criado em

2001, e sua linha editorial aborda as mais diversas temáticas como, carreira, cultura, negócios, política, mídia, música, notícias, artigos e textos de caráter histórico.

Na coleta dos dados a função utilizada na presente pesquisa foi a “page like network”, que gera uma rede com todas as páginas curtidas por um determinado perfil. Já, as métricas utilizadas foram: (1) In-Degree – grau de entrada, (2) Out-Degree – grau de saída, (3) Closeness – grau de proximidade e (4) Betweness – grau de intermediação.

A medida In-Degree (grau de entrada) é representada pelo número de links que apontam para um respectivo nó, identificando os nós receptores, ou seja, aqueles nós prestigiados, que favorecem a entrada e o recebimento de informações (Recuero, 2014; Campos & Cazarini, 2013).

A medida Out-Degree (grau de saída) corresponde ao número de links originados em determinado nó, com destino a outros nós, capazes de atuarem como fornecedores para outros nós, além de verificar a quantidade de influência de um nó na rede (Recuero, 2014; Campos & Cazarini, 2013).

A métrica Closeness (grau de proximidade) apresenta a integração e isolamento de um nó na rede, baseando-se na distância (Recuero, 2014). Quanto maior o grau de proximidade de um nó no grafo, com distância menor que um, mais curta é a distância dele para outro nó do grafo, possibilitando um bom posicionamento para transmitir informação (Campos & Cazarini, 2013).

Já, a métrica Betweness (Grau de Intermediação), corresponde ao número de vezes em que um nó A precisa de um nó B para atingir outro nó C, percorrendo o caminho mais curto entre os nós (Recuero, 2014). Esta medida é capaz de apontar se um membro da rede apresenta uma importante função enquanto disseminador do fluxo de conhecimento, controlando relações indiretas com outros membros de modo potencial (Campos & Cazarini, 2013). Para Recuero (2014), a medida Betweness determina o número de vezes que um nó é tido como uma ponte, ligando-se a vários grupos de nós, medindo o quanto um determinado nó está entre grupos no grafo.

Foi delimitado o período de um semestre, de 01/01/2019 a 31/07/2019, de maneira que fossem coletados o maior número de dados possíveis. É importante ressaltar que a coleta dos dados foi feita de maneira acumulativa, pois, cada nova coleta foi adicionada aos dados já existentes no banco de dados pessoal.



discriminação racial, os cuidados específicos e especializados em saúde da população negra, o combate aos privilégios sociais instalados e o enfrentamento do preconceito e discriminação racial.

O grafo apresenta a rede composta pelas páginas e perfis que mantêm relação com a página @sitemundonegro, indicando que esses espaços virtuais possuem maior relação (Figura 1). Aqui, as páginas e perfis que apresentaram maior afinidade temática, foram: @thenextweb, @lazaroramos, @mulhernegraecia, @makedacultural, @drakatlenn dermatologistasbd.

Estas páginas estão voltadas a temáticas variadas, contudo, apresentam proximidades e afinidades em temáticas raciais. A página @thenextweb é uma das maiores páginas de publicações on-line do mundo, fornecendo perspectivas internacionais sobre as últimas notícias referentes à tecnologia, negócios e cultura da Internet. Além de possuir uma audiência ativa com mais de 7,2 milhões de visitas e 9,5 milhões de visualizações mensais, a fanpage expande sua presença global através do seu site, parcerias de conteúdo, adição de novos canais e eventos mundiais (The Nexte Web, 2019).

A página @lazaroramos, página oficial do ator Lázaro Ramos, está voltada à cultura, arte e empoderamento da população negra (Lázaro Ramos, 2019). Já a página @mulhernegraecia é uma fanpage voltada ao empoderamento de mulheres negras através de situação emergente de consumo em várias facetas como moda, beleza, saúde, comportamento, entre outros temas (Mulher Negra e Cia By Raka Costa e Ruth Lopes, 2019). No que se refere à página @makedacultural, é um grupo que nasce dentro da Faculdade Zumbi dos Palmares objetivando trazer à comunidade negra, menos privilegiada, a oportunidade de participar de eventos, acessar informações e estudos essenciais em um mundo globalizado (Makeda Cultural, 2019). A página @drakatlenn dermatologistasbd é gerenciada por uma médica dermatologista especialista em pele negra, sendo referência em tratamento de pele negra no Brasil, voltada à demanda de cuidados específicos dessa população (Dra Katlenn Demartologista, 2019).

A partir da função “*links network*” é possível verificar o desempenho de um link através do seu número de interações relacionadas a curtidas, comentários e compartilhamentos, possibilitando o levantamento do link mais compartilhado. Aplicando esta função na página “site mundo negro”, observou-se que link mais acessado

nos espaços virtuais da página “site mundo negro”, disponibilizado pelo Facebook, foi o link do próprio site (<https://mundonegro.inf.br/>), compartilhado 93 vezes em 24 horas. A partir das métricas mais comumente utilizadas em ARS, através das medidas In-Degree, Out-Degree, Closeness e Betweness, foi possível compreender a estruturação da rede e suas interrelações.

Na métrica In-Degree (grau de entrada), os nós que mais absorveram conhecimento e informação, foram: @facebook, @microsoft, @skipe e @MSN. A página @facebook é uma empresa de aplicativo e tecnologia que busca conectar e aproximar pessoas de todo o mundo (Facebook, 2019). Já a página @microsoft, é uma empresa de ciência, tecnologia, engenharia e computadores (Microsoft, 2019). No que diz respeito a página @skipe, é uma empresa de produtos e serviços dedicada ao compartilhamento de experiências que aproximam pessoas (Skype, 2019). Já a página @MSN, é um site de notícias e mídias, um dos maiores portais de notícias do mundo (MSN, 2019).

A métrica Out-Degree (grau de saída), refere-se aos nós mais atuantes no compartilhamento do conhecimento que foi absorvido por outros nós da rede, os nós @thenextweb e @mulhernegracecia obtiveram as melhores marcas. A página @thenextweb, é uma das maiores páginas de publicações on-line do mundo, fornecendo perspectivas internacionais sobre as últimas notícias referentes à tecnologia, negócios e cultura da Internet (The Next Web, 2019). Já a página @mulhernegraecia, é uma fanpage voltada ao empoderamento de mulheres negras através de situação emergente de consumo em várias facetas como moda, beleza, saúde, comportamento entre outros temas (Mulher Negra e Cia By Raka Costa e Ruth Lopes, 2019).

Para Recuero (2014), a métrica Closeness (grau de proximidade) define o quanto um nó está próximo dos demais na rede e qual a distância deste nó para os demais, baseada no número de conexões dos nós que ligam vários grupos que não estão interconectados, diminuindo as distâncias entre os nós do grafo. Assim, nós com maior grau de proximidade, são aqueles com menor distância média de todos os outros nós no grafo, uma vez que, quanto mais conexões estiverem presentes no grafo, maior seu grau de proximidade geral.

Os melhores valores foram obtidos pelos nós: @kickstarter, @TNWevents, @thenewxtweb, @BBCtrending, @engadget, @wilsonsimoninha, @michelleobama,

@barackobama e @sitemundonegro. A página @kickstarter é um site internacional de artes, músicas, filmes e humanidades. A página @TNWevents é um site de eventos internacional (TNW Events, 2019). A página @BBCTrending é um portal de notícia do departamento da BBC na internet (BBC Trending, 2019). A página @engadget é um site de notícias e mídias, um guia que conecta vidas (Engadget, 2019). Já a página @wsimoninha, é de um músico, produtor e cantor brasileiro (Wilson Simoninha, 2019). Por sua vez, a página @michelleobama, representada pela figura pública da ex-primeira dama dos EUA (Michelle Obama, 2019). A página @barackobama representa a figura pública do ex-presidente americano (Barack Obama, 2019). E a página @thenextweb é uma das maiores páginas de publicações e notícias on-line do mundo (The Next Web, 2019).

A partir da métrica Betwenss (Grau de Intermediação), os nós que se destacaram na capacidade de intermediar o fluxo da informação e fornecer aos nós com melhor pontuação a possibilidade de atuar como controlador do fluxo de compartilhamento do conhecimento, foram: @skipe @microsoft, @engadget @facebook @thenextweb @mulhernegraecia e @sitemundonegro.

A página @engadget, é um site de notícias e mídias voltado à tecnologia (Engadget, 2019). Com relação a página @thenextweb, é uma das maiores páginas de publicações e notícias on-line do mundo (The Next Web, 2019). No que diz respeito a página @mulhernegraecia, é uma fanpage voltada ao empoderamento de mulheres negras (Mulher Negra e Cia By Raka Costa e Ruth Lopes, 2019). E a página @sitemundonegro é um portal de notícias sobre a comunidade negra no Brasil (Site Mundo Negro, 2019).

### **Discussão**

As discussões e questionamentos que ocorrem no campo social, político e acadêmico sobre o preconceito e discriminação racial, aparecem da mesma forma nos espaços virtuais das publicações das páginas analisadas. Primeiramente, as denúncias de preconceito e discriminação racial contra negros expressam a desigualdade racial, seguidamente, os modos de subjetivação da discriminação e do preconceito voltam-se para a identidade racial e para o processo de branquitude, e por fim, as estratégias para superar o preconceito racial e suas consequências subjetivas (Weschenfelder & Silva, 2018).

Através do mapeamento da rede foi possível evidenciar o aumento do diálogo a respeito da temática do preconceito racial. A partir da função “*page like network*” foi possível observar que na página @sitemundonegro existe uma afinidade com outras páginas que difundem informações atreladas a visibilidade, produção, direitos, políticas, empoderamento, identificação e denúncia do preconceito racial.

Estas páginas interagem através de conexões, formando um campo privilegiado de visibilidade e ressignificação do negro no Brasil, fortalecendo a identidade negra e produzindo novas subjetividades através das relações com outros indivíduos negros. Tornando-se útil e indispensável que a população negra, marcada por desvantagens, diferenças e disparidades econômicas e sociais, sejam atendidas por ações específicas voltadas ao seu contingente (Weschenfelder & Silva, 2018).

Ainda que tenha havido um aumento significativo na divulgação de informações à população negra e que no Brasil o preconceito e a discriminação são crimes previstos na Lei 7.716/1989, com pena de reclusão de um a cinco anos e multa, segundo a SaferNet, organização não governamental que recebe denúncias de crimes e repassa para órgãos policiais, em 2014 foram registrados mais de 86 mil denúncias de preconceito racial, colocando-o como crime virtual mais popular entre as pessoas que usam Facebook no Brasil.

Um estudo brasileiro apontou que participantes da pesquisa tinham consciência da discriminação racial sofrida, contudo, não se responsabilizavam pela situação (Camino, Silva & Machado, 2004; Fernandes, 2011). Assim, podemos perceber uma complexa relação entre raça, cor, posição social e nível educacional no contexto brasileiro, muito em decorrência das relações hierarquizadas, ambivalência dos posicionamentos sociais, situações e contextos específicos, reflexo das relações de dominação existentes nos grupos raciais (Lins, Lima-Nunes & Camino, 2014). Não só o preconceito e a discriminação racial brasileira sobrevivem em um contexto miscigenado e intercultural, como são caracterizados por uma democracia racial aparente (Fernandes, 2011; Fernandes & Pereira, 2019).

Sobre a métrica In-Degree, que representa os nós que mais absorveram conhecimento e informação, destacaram-se os nós @facebook, @microsoft, @skipe e @MSN. Esse resultado aponta para o conceito de plataforma da web, enquanto forma de aproveitar as atividades dos usuários para desenvolver serviços e fontes de dados



capazes de gerar ganhos e produzirem empreendimentos lucrativos, de modo que, é representada minimamente pelos crescentes usuários que produzem e compartilham conteúdo, e passam a representar significativamente às próprias plataformas (YouTube, Facebook e Google) que ganham destaque e ocupam posições no ranking das empresas mais valiosas do mundo (Pecini, 2018).

Essa tendência expandiu para grandes grupos da indústria tecnológica de diversos segmentos como, Facebook, Amazon, Microsoft e Apple, que investem em suas plataformas através de análise contínua, audiência, publicidade e comportamento dos usuários, com a finalidade de analisar as representações da sociedade (Silva, 2019). Esta visão coloca as redes sociais no centro das atividades *online*, elevando o potencial de ligações humanas ao mesmo tempo em que ocupam a posição principal na divulgação e publicação de conteúdo, entretanto, o domínio das grandes empresas tecnológicas possibilita a manipulação do tecido social das redes *online* através de ferramentas algorítmicas que extraem dados e transformam em conhecimento, gerando valor econômico as plataformas (Pecini, 2018).

Com isso, as páginas @facebook, @microsoft, @skipe e @MSN, representando grandes empresas, demonstram seu prestígio na rede analisada ao favorecem a comunicação, a concentração de dados e o alcance da informação ao público alvo, através da análise de ambientes digitais e comportamentos dos usuários (Silva, 2019). Contudo, vale salientar que as informações e dados publicados impensadamente pelos usuários da rede, podem acarretar efeitos como direcionamento de publicidade e informação específica para aquele público alvo, na tentativa de persuadir os sujeitos, uma vez que, o formato das informações disponibilizadas nessa rede social dificulta a privacidade e anonimato dos dados e dos indivíduos (Recuero, 2014).

No que diz respeito à métrica Out-Degree, referente aos nós mais atuantes no compartilhamento do conhecimento que foi absorvido por outros nós da rede, os nós @thenextweb e @mulhernegrasescia obtiveram as melhores marcas. Embora a @thenextweb seja uma das maiores páginas de publicação *online* do mundo, seu compartilhamento de informações não é específico para à população negra, mas é voltado à população em geral, incluindo brancos e negros em contextos variados. Já, a @mulhernegrasescia, volta-se especificamente para o empoderamento da mulher negra no Brasil.

O grau de prestígio e domínio de influência de ambas as páginas foram semelhantes na rede analisada, mesmo com diferentes perspectivas entre as duas páginas, no que diz respeito ao número de seguidores, alcance das páginas e conteúdo. Esse resultado pode ser justificado pelo fato da rede ser prevalentemente composta por páginas voltadas à população negra e a luta contra o preconceito racial, favorecendo a legitimação da produção de conhecimento por pensadores e ativistas negros, em decorrência do contexto específico e do público alvo, o que favorece a elevação do prestígio da página @mulhernegraecia.

Contudo, a página @thenextweb, enquanto uma das maiores páginas de compartilhamento de informação do mundo, favorece o fluxo de informação entre brancos e negros. No contexto brasileiro, com uma sociedade diversificada racialmente, é importante promover e facilitar interações inter-raciais positivas. Uma pesquisa verificou que a partir do aumento da motivação e do conhecimento interno das pessoas brancas de que os negros querem ser respeitados, é possível cultivar interações inter-raciais positivas (LaCosse & Plant, 2019). Já que, uma das formas mais eficazes de melhorar as atitudes entre grupos é estabelecer contato, essas relações intergrupos favorecem o processo de liberalização cognitiva, reduzindo o preconceito (Meleady, Crisp, Dhont, Hopthrow & Turner, 2019; Fernandes et al., 2020).

Dados transversais e longitudinais mostraram que, ao estabelecer pontos de vista menos hierárquicos e mais igualitários, com uma orientação de dominação social reduzida, o contato entre grupos favorece atitudes e comportamentos mais responsáveis em relação ao meio social (Meleady, Crisp, Dhont, Hopthrow & Turner, 2019).

A partir da métrica Closeness, referente ao grau de proximidade, as páginas que obtiveram valor próximo de 1 apresentaram um menor distanciamento médio dos outros nós do grafo, o que facilita a transmissão da informação. Assim, os melhores valores foram obtidos pelos nós @kickstarter, @TNWevents, @thenewxtweb, @BBCTrending, @engadget, @wmoninha, @michelleobama, @barackobama e @sitemundonegro.

Com exceção da @sitemundonegro, nenhuma das páginas está voltada especificamente à população negra – cinco páginas representam sites e portais de notícias internacionais, duas páginas são representadas por figuras públicas negras internacionais e uma página é referente a um músico brasileiro. Com efeito, a prevalência de páginas internacionais facilita a capacidade de influenciar, a transmissão e intermediação da

informação aos usuários das demais páginas, proporcionando o intercâmbio de experiências multiculturais através da disseminação de notícias e dados.

Evidências vêm demonstrando que experiências multiculturais, aquelas que entram em contato com membros de outras culturas, ocasionavam menos preconceito em decorrência da identificação com a humanidade, além disso, o contato intercultural frequente ocasionou menos preconceito e uma maior preocupação com os direitos humanos (Sparkman & Eidelman, 2018). Dessa forma, essas experiências e interações multiculturais são capazes de favorecer a redução do preconceito e a elevação da preocupação com direitos humanos (Sparkman & Eidelman, 2018). Assim, as páginas de sites e portais de notícias internacionais, bem como figuras públicas de relevância, são facilitadoras e transmissoras de informação, e podem auxiliar a redução do preconceito na rede em decorrência da articulação de experiências multiculturais.

No que concerne à métrica *Betweenness Centrality*, referente à centralidade de intermediação, os nós @mulhernegraecia e @sitemundonegro foram significativos na intermediação de informações, no compartilhamento de conhecimento e no poder de controle para facilitar ou obstruir o fluxo de informação voltada à população negra.

Várias mobilizações sociais, políticas e culturais, acionadas por indivíduos e grupos sociais conectados, utilizam as redes sociais como principal meio de articulação e compartilhamento de textos críticos, manifestações e debates, compondo o campo do *netativismo*, um advento das tecnologias digitais comunicacionais que transforma acontecimentos cotidianos em questões a serem faladas, pensadas e ressignificadas através das redes sociais *online* (Borges & Fernandes, 2018).

Apesar desses espaços de identificação nas redes sociais, vale lembrar que o preconceito e a discriminação racial no Brasil não se manifestam em atitudes declaradamente hostis, já que os negros enfrentam barreiras de cor e classe social (Guimarães, 2004). Contudo, o preconceito e a discriminação racial sobrevivem em um contexto miscigenado, intercultural e de aparente democracia racial no formato sutil e velado (Fernandes & Pereira, 2019).

Os espaços virtuais *online* e coletivos digitais que proporcionam o empoderamento dos negros têm crescido à medida que a diferença positiva na relação social prioriza o outro enquanto portador e produtor de cultura, saber e criatividade, influenciando a consciência de que a identidade brasileira é multirracial (Borges &

Fernandes, 2018). Segundo as autoras (2018), a movimentação dos negros através do *cyberativismo* nas redes sociais *online* é uma forma de verificar que a questão da identidade racial ainda não foi superada e que o debate é tão necessário quanto a questão do preconceito e da discriminação racial.

### **Considerações Finais**

Demonstrar como importantes espaços virtuais de circulação da informação, mapeados por software, evidenciam os desdobramentos do preconceito e da discriminação racial não é tarefa fácil. Nesse sentido, as redes sociais compõem o centro das atividades *online*, elevando o potencial de ligações humanas ao mesmo tempo em que favorecem o domínio de grandes empresas tecnológicas e seus interesses econômicos, facilitando a manipulação do tecido social através de ferramentas algorítmicas (Pecini, 2018).

Com o mapeamento da rede foi possível evidenciar o aumento do diálogo a respeito da temática do preconceito e da discriminação racial, ocasionando interações inter-raciais positivas e experiências multiculturais entre as páginas, que pode auxiliar na redução do preconceito racial na rede (LaCosse & Plant, 2019). Nesse sentido, a interação entre páginas foi capaz de formar um campo privilegiado de visibilidade e ressignificação do negro no Brasil, fortalecendo a identidade negra e produzindo novas subjetividades através das relações com outros indivíduos negros. Contudo, mobilizações, manifestações e debates críticos têm surgido ativamente na tentativa de denunciar as barreiras do preconceito e da discriminação racial enfrentadas por negros no contexto miscigenado e intercultural brasileiro (Borges & Fernandes, 2018).

A ARS se apresenta como alternativa viável para coleta e análise de dados *online*, podendo ser útil para o estudo do preconceito e da discriminação racial no contexto brasileiro. O Netvizz se mostrou uma ferramenta prática e eficiente para pesquisadores que trabalham com extração de dados de rede, além de exigir do pesquisador uma familiarização com outros softwares para visualização dos resultados extraídos, como o Gephi e Excel. Porém, o Netvizz foi desativado em setembro de 2019 e durante o período em que se manteve ativo, o software possuía limitações relacionadas a desdobramentos éticos, no que diz respeito à privacidade, ao anonimato e ao uso de dados dos usuários da rede (Recuero, 2014).

Por fim, como todo trabalho científico, este também não está isento de limitações. Destaca-se como a principal, ter analisado apenas uma página especificamente voltada à população negra. Para estudos futuros, que relacionem a circulação de informações sobre o preconceito racial no Brasil, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas que busquem identificar as temáticas expressas a partir do comportamento e relato dos curtidores com a expressão do preconceito racial no Brasil. Além disso, sugere-se também, produções futuras que explorem o fenômeno do *netativismo* para melhor compreender o empoderamento dos usuários expresso nas relações sociais *online*. Este e outros esforços podem ser úteis para compreensão dos desdobramentos do preconceito e discriminação racial no Brasil.

### Capítulo 3

#### Preconceito e discriminação racial brasileira: Análise de redes sociais aplicada aos comentários no contexto *online* do Facebook

##### Resumo

**Objetivo:** Elaborar um levantamento dos discursos produzidos a partir da ARS aplicada aos espaços virtuais *online* da página @sitemundonegro no *Facebook*. **Método:** Os dados para realização desse estudo foram coletados a partir da aplicação da ARS na página @sitemundonegro do site *Facebook* por meio do *software* Netvizz. Os comentários foram transformados em corpus textual e analisados a partir do *software* Iramuteq. **Resultados:** A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) estruturou os comentários em 2 classes, a classe 1, “atitudes e comportamentos de enfrentamento do preconceito racial” (78,41% das UCEs), e a classe 2, “visibilidade e ressignificação do negro” (34,44% das UCEs). **Conclusões:** Apesar do aparato legal, a discriminação e o estigma de grupos minoritários permanecem, confirmando a presença de crenças racistas no *Facebook*, porém, com uma prática sutil, velada, cordial e à brasileira. O *netativismo* demonstrou a crescente participação e envolvimento dos usuários em mobilizações sociais no espaço *online* enquanto tentativa de busca por justiça social e enfrentamento do preconceito e discriminação racial na interface digital. A luta contra o preconceito e a discriminação racial ocupa o ciberespaço de modo ativo e crescente, acarretando o fortalecimento e valorização da identidade social dos negros à media que legitima o enfrentamento da cultura do branqueamento e expõem as crenças do mito da democracia racial.

**Palavras-chave:** Crenças; Preconceito; Racismo; *Facebook*; Psicologia.

##### Abstract

**Objective:** To prepare a survey of the speeches produced from the ARS applied to the online virtual spaces of the page @sitemundonegro on *Facebook*. **Method:** The data for

this study were collected from the ARS application on the @sitemundonegro page of the Facebook site using the Netvizz software. The comments were transformed into a textual corpus and analyzed using the Iramuteq software. **Results:** The Descending Hierarchical Classification (CHD) structured the comments into 2 classes, class 1, “attitudes and behaviors to face racial prejudice” (78.41% of UCEs), and class 2, “visibility and reframing of black” (34.44% of the ECUs). **Conclusions:** Despite the legal apparatus, discrimination and stigma of minority groups remain, confirming the presence of racist beliefs on Facebook, however, with a subtle, veiled, cordial and Brazilian practice. Netativism demonstrated the increasing participation and involvement of users in social mobilizations in the online space as an attempt to search for social justice and to confront prejudice and racial discrimination in the digital interface. The fight against prejudice and racial discrimination occupies cyberspace in an active and growing way, leading to the strengthening and valorization of the social identity of blacks to the media that legitimizes the confrontation of the culture of laundering and exposes the beliefs of the myth of racial democracy.

**Keywords:** Beliefs; Prejudice; Racism; Facebook; Psychology.

## Introdução

A imagem do policial, capturada em vídeo por uma testemunha, com o joelho sobre o pescoço da vítima George Floyd, que foi imobilizada e assassinada, tornou-se um gatilho para uma onda de indignação e protestos antirracistas em todo o mundo. No Brasil, os protestos aconteceram no momento em que a pandemia do covid-19 matou mais de 36 mil pessoas (Ministério da Saúde, 2020) e expôs que apesar do grave problema da pandemia, o preconceito e discriminação racial ainda são notórios.

Segundo dados do IBGE, os negros somam 56% da população brasileira. A taxa de analfabetismo entre os negros de 15 anos ou mais é de 9,1%, superior ao dobro da taxa de analfabetismo entre brancos da mesma faixa etária, com 3,9%. O percentual de negros ou pardos que concluíram a graduação cresceu de 2,2% em 2000, para 9,3% em 2017, já o índice de brancos com diploma de graduação corresponde a 22%.

Com relação a emprego e renda per capita, pretos e pardos tinham um rendimento domiciliar per capita de R\$ 934 em 2018, já os brancos, ganhavam quase o dobro, cerca de R\$ 1.846. Em média, os negros são mais pobres que os brancos, pois, em 2018, cerca de 15% dos brancos viviam na pobreza, enquanto o percentual de negros e pardos era cerca de 32,9% (IBGE, 2018). Dessa maneira, ao identificar as desigualdades sociais entre negros e brancos é possível verificar as formas de perpetuação do preconceito e da discriminação racial, tal como sua relevância temática (Lima & Vala, 2004).

Visto que, o preconceito e a discriminação racial estão amparados no processo histórico da escravidão, torna-se relevante considerar que o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravização (Relações Raciais CFP, 2017). É a partir desse contexto, somado as ações de não definição legal da pertença racial, ao fortalecimento das bases do processo de desigualdades sociais entre brancos e negros e ao processo de branqueamento da população, que emergiu o racismo à brasileira (Guimarães, 2004).

A não inclusão dos negros na sociedade daquela época reverbera até hoje, expondo o legado cultural escravocrata que ainda perdura, pois, o racismo é um dos principais organizadores das desigualdades materiais e simbólicas que há no país (Relações Raciais CFP, 2016). Ainda que não se acredite hoje em hierarquias sociais baseadas nas raças, a cor da pele ainda permanece como característica primária e símbolo de discriminação existente no Brasil (Nunes & Vala, 2009). E, a partir dos conflitos intergrupais, envolvendo discriminação, exclusão social, exploração e opressão individual e coletiva, que a identidade social e racial é construída (Máximo et al., 2012).

Em Psicologia Social, os estereótipos são uma categoria cognitiva baseada em etiquetas sociais e percepções que simplificam nossa realidade, enquanto processo cognitivo normal e necessário, contudo, conforme são relacionados aos valores sociais positivos ou negativos, podem resultar em generalizações abusivas (Vala & Monteiro, 2002). Vale salientar que as percepções e julgamentos estereotipados necessitam de um contexto valorativo e social para ocorrerem, assim, a categorização, identificação e comparação, são três processos necessários para sustentação do estereótipo (Tajfel, 1981). Por construírem uma avaliação negativa e sustentada por crenças, os estereótipos formam a base cognitiva do preconceito (Allport, 1954).

A clássica obra “*The nature of prejudice*” de Allport (1954), define o preconceito como uma reação negativa contra um indivíduo ou grupo desvalorizado socialmente, sendo a principal causa da discriminação, é também uma atitude negativa e hostil de julgamento preconcebido de um grupo e seus membros, com forte componente afetivo baseado em generalizações falhas e inflexíveis, sendo rígido e resistente. É plausível compreender que o preconceito é constituído especificamente pelo componente afetivo da atitude, relacionado aos sentimentos e emoções (Allport, 1954).

A discriminação é compreendida como uma ação aberta e negativa, um comportamento que trata de modo desigual e injustificado indivíduos pertencentes a

determinado grupo minoritário e desvalorizado socialmente (Dantas, 2014). Já o racismo, diferente do preconceito e da discriminação, é um processo de hierarquização que exclui e discrimina indivíduos ou categorias sociais, baseado em marcas físicas ressignificadas pela cultura, e define comportamentos (Lima & Vala, 2004). O racismo está ancorado na distinção e diferenciação entre grupos ao englobar processos de exclusão social em nível individual, institucional e cultural (Lima & Vala, 2004; Fernandes, 2011).

A singularidade do racismo à brasileira, o racismo cordial, está amparado no processo de branqueamento da pele, uma valorização da cor branca proporcional ao apagamento de características negras, e no mito da democracia racial, crença de que os negros alcançariam todos os direitos disponíveis a partir da abolição da escravidão no Brasil (Turra & Venturi, 1995; Fernandes, 2011). Segundo os autores (1995), o construto do racismo cordial, modelo de racismo da sociedade brasileira, é composto pelos elementos da classe social e da cor da pele.

Atitudes preconceituosas ultrapassaram o contexto offline e chegaram ao espaço da cibercultura, uma cultura articulada no ciberespaço e fundada no modelo de comunicação criada a partir da interconexão de computadores, compreendida enquanto conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores desenvolvidos conjuntamente com o crescimento o ciberespaço (Lévy, 1999).

O contínuo e expressivo crescimento do uso da Internet, sendo utilizada em 79,1% dos domicílios brasileiros, ao mesmo tempo em que o Facebook é acessado por 80% dos brasileiros que possuem internet, coloca o país em terceiro lugar no ranking mundial de acessos (IBGE, 2018; Statista, 2020). Os sites de redes sociais são aliados presentes nas formas de comunicação atual, capazes de difundirem as informações de forma rápida e interativa, criando novos canais e favorecendo a circulação de informações nos grupos sociais. Assim, as redes sociais transformaram-se em um novo veículo de comunicação, facilitando o engajamento e participação de diferentes pessoas, em diversos contextos e com distintas especialidades (Teixeira, 2013).

Segundo Recuero (2012), uma rede social é composta por atores (pessoas ou grupos) e conexões (a interação entre os atores). Marteleto (2001) colabora ressaltando que as redes sociais representam um conjunto de participantes autônomos, unificando ideias e recursos ao redor de valores e interesses compartilhados. Seguindo a mesma ideia, Texeira (2013) pontua que um dos objetivos das redes sociais é criar e favorecer a



aproximação entre os usuários, com confiança e reciprocidade, permitindo que as pessoas assumam um caráter mais participativo. Tal como o *netativismo*, delineado a partir de variadas mobilizações sociais, políticas e culturais que ganham protagonismo nas redes sociais digitais por acionarem pessoas e grupos sociais a partir do que os afetam e de pautas emergências que atravessam o cotidiano das pessoas (Borges & Fernandes, 2018).

De acordo com Recuero (2012), com essa transformação nas formas de comunicação, impactos profundos surgem no cotidiano das pessoas alterando as formas dos relacionamentos, a construção e percepção dos valores e, a construção de significados e sentidos. Assim, segundo a autora (2012), o comportamento é refletido nas redes sociais, ao mesmo tempo em que influencia sua construção e a circulação de fluxos de informação. Além disso, os sentimentos externados na vida real *offline* também são refletidos e disseminados nas redes sociais através das interações, como curtidas, comentários e compartilhamentos (Recuero, 2012).

O uso das redes sociais online com a finalidade de disseminação de ódio e violência proporciona voz e poder àqueles sujeitos que não a possuem nos meios tradicionais *offline*, em contra partida, possibilita a unificação de pessoas em torno de causas que visam a mudança social enquanto espaço aberto, favorece a disseminação de opiniões através de comentários, sejam positivos, negativos ou neutros, a respeito de determinada temática (Fenton, 2012).

Diante desse cenário, em que medida as informações e discursos produzidos online, por intermédio de comentários, auxiliam na compreensão do preconceito e da discriminação racial no contexto Brasileiro? A fim de responder esse questionamento, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa com o objetivo de elaborar um levantamento dos discursos produzidos, a partir da análise de redes sociais (ARS) aplicada aos espaços virtuais *online* da página @sitemundonegro no *Facebook*.

### **Método**

O estudo utilizou duas ferramentas para o levantamento dos dados produzidos a partir das interações do Facebook: a análise de redes sociais (ARS) para coleta de comentários do Facebook e o software *Iramuteq* para análise dos comentários. Os dados utilizados na análise foram coletados pelas autoras.

Inicialmente, por meio do software Netvizz (<https://apps.facebook.com/netvizz/>), uma ferramenta complementar disponibilizada em forma de aplicativo, foi possível

coletar os dados da rede. Este aplicativo permite a visualização das interações entre participantes da página, suas reações e comentários, além de possibilitar a extração de dados, visualização de estatísticas, padrões e rotinas definidas pelo Facebook (Rieder, 2013). O Netvizz permite a extração de dados de grupos e páginas abertas, mantendo o sigilo dos usuários cujas interações e ações serão transformadas em dados, favorecendo o anonimato dos usuários.

A pesquisa considerou seis meses de coleta de dados, iniciada em 01/01/2019 e finalizada em 31/07/2019, extraídos da fanpage “site mundo negro”. É importante ressaltar que a coleta dos dados foi feita de maneira acumulativa, pois, cada nova coleta foi adicionada aos dados já existentes no banco de dados pessoal.

A escolha da fanpage “Site Mundo Negro” deu-se em decorrência de três critérios: primeiro, por ser um portal com temáticas voltadas para a comunidade negra no Brasil; segundo, por seu elevado potencial de interação, ao possuir cerca de 210.823 seguidores e 209.183 curtidas; e terceiro, por ser uma página aberta. A fanpage “Site Mundo Negro” é um portal de notícias sobre a comunidade negra no Brasil, criada em 2001, e sua linha editorial aborda as mais diversas temáticas como, carreira, cultura, negócios, política, mídia, música, notícias sobre o continente Africano, artigos e textos de caráter histórico.

A função utilizada foi a “*page like network*”, que gera uma rede com todas as páginas curtidas por um determinado perfil. Assim, utilizou-se os seguintes instrumentos: (1) planilha estatística de métricas do Facebook; (2) planilha demonstrativa de comportamento dos curtidores/seguidores; (3) e relatos de curtidores/seguidores. O primeiro instrumento coletou dados quantitativos sobre as publicações, como número de alcance, curtidas, compartilhamentos e visualizações. A partir do segundo instrumento, foram capturados dados relativos às publicações no feed de notícias da fanpage e o terceiro instrumento permitiu a coleta de dados relacionados às diversas formas de comunicação dos usuários na página como falas, gestos ou atitudes.

A coleta realizada por meio do aplicativo Netvizz e os resultados gerados apresentaram 16.894 comentários. Os dados obtidos foram organizados e categorizados em planilhas do programa Excel, em seguida, a coluna “*comment message*”, contendo todos os comentários coletados, foi transcrita para o OpenOffice Writer e revisada. Assim, com o corpus textual construído, após a filtragem no OpenOffice Writer, o corpus foi

salvo no bloco de notas a partir da função UTF-8 para ser submetido ao processo de análise pelo Iramuteq.

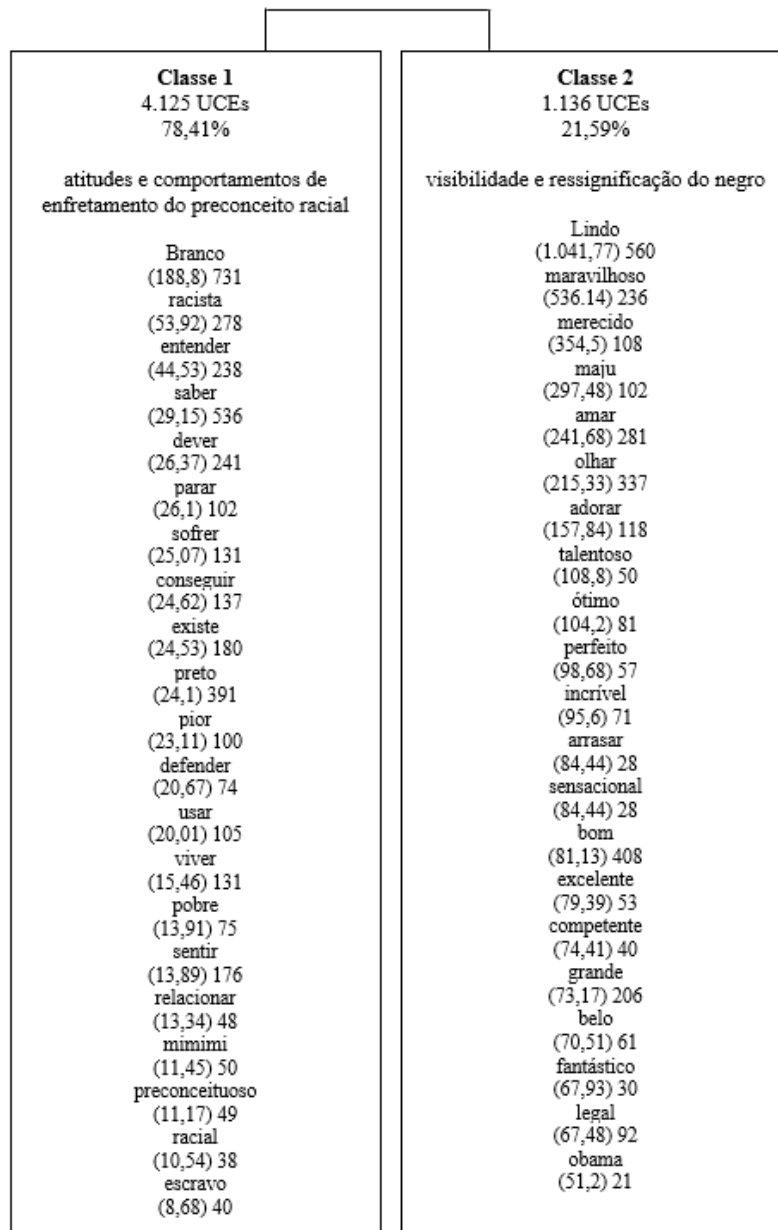
Seguidamente, foi utilizado o software Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009) e licenciado por GNU GPL (v2), apoiado no *software R (R Development Core Team, 2016)* e na linguagem de programação *Python (www.python.org)*. Este possibilita a realização de análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas, indivíduos ou palavras onde, as diferentes classes emergentes do corpus do texto e configuram o espaço de sentido das palavras narradas (Justo & Camargo, 2013).

Após elaboração do *corpus* textual, cada comentário representou uma unidade de contexto inicial (UCI). Realizou-se uma análise hierárquica descendente (CHD), considerando as seguintes classes gramaticais ativas: adjetivo, nomes comuns e verbos. As demais classes gramaticais foram consideradas como suplementares. Com esse procedimento tornou-se possível classificar os segmentos de textos de acordo com seus respectivos vocabulários, tendo por base a frequência e o  $\chi^2$  (qui-quadrado), possibilitando a criação de classes de unidades de contexto elementares (UCEs), formadas por classes lexicais e segmentos de texto específicos de um dado textual. Posteriormente, as classes de contextos elementares (UCEs) foram nomeadas e descritas.

## **Resultados**

### **Classificação Hierárquica Descendente**

A CHD do corpus foi formada por 1 UCI, separados em 5.339 segmentos de texto (UCEs), com aproveitamento de 5.261 (98,54%). Emergiram 190.687 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 13.553 palavras distintas e 1.606 com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em duas classes de segmentos de texto: classe 1, com 4.125 UCEs (78,41%) e a classe 2, com 1.136 UCEs (21,59%). O dendograma (ver Figura 1) foi dividido em duas ramificações (A e B), o subcorpus A, representado pela classe 1, e o subcorpus B, representado pela classe 2. Foram descritas as palavras cujos qui-quadrado foram iguais ou superior ao valor mínimo adequado ( $\chi^2 \geq 3,84$ ), bem como, os valores de  $\chi^2$  descritos entre parênteses, seguido da frequência média de cada palavra.



**Figura 6** - Dendrograma da classificação hierárquica descendente do corpus (Autora, 2020).

A classe 1 foi intitulada “atitudes e comportamentos de enfrentamento do preconceito racial” (78,41% das UCEs), por apresentar aspectos relacionados às percepções sociais do preconceito racial e do racismo, além de manifestar denúncias, críticas, relatos, vivências e formas de enfrentamento ao preconceito racial, discriminação e racismo sofrido.

Essa classe pode ser ilustrada a partir dos seguintes trechos: “*como meu falecido pai me aconselhava, no ambiente branco seremos sempre observado com rigor, as pessoas ficam esperando o nosso erro para depois saírem falando*” (post 140, comentário

05); *“devemos conhecer a história e entender o porquê de até hoje existir uma desvalorização da raça negra em alguns segmentos”* (post 261, comentário 23); *“racismo não é erro, é crime! Parem de ficar passando pano pra racista, parem de ficar defendendo o racista”* (post 115, comentário 66); *“o preto sofre preconceito em todas as áreas, quando não falam, agem para sabotar, humilhar e segregar, é declarado e camuflado”* (post 232, comentário 135); *“o mundo bom é aquele que a branquitude massacra os pretos e todo mundo fica de bico fechado e ainda sendo grato”* (post 319, comentário 30); *“com tanta informação ainda nos prestamos a esse tipo de papel, o sistema oprime quem se permite, pior são os pretos e as pretas que se sujeitam a isso”* (post 292, comentário 36); *“tem pessoas afrodescendentes empoderadas que defendem suas ideologias contra o embranquecimento de um programa completamente racista”* (post 337, comentário 08); *“os verdadeiros preconceituosos usam palavras bonitas para se expressar, atacando indiretamente uma etnia”* (post 319, comentário 98); *“qualquer negro deve denunciar o racismo que vive ou viveu e lutar contra isso”* (post 329, comentário 127).

A classe 2 foi nomeada como “visibilidade e ressignificação do negro” (21,59% das UCEs) por utilizar-se do enaltecimento da população negra, valorizando conquistas, reconhecendo produções, favorecendo a visibilidade e ressignificação, acarretando engajamento e fortalecimento da identidade do negro brasileiro.

Essa classe pode ser ilustrada a partir dos seguintes trechos: *“Cantoras e cantores negros maravilhosos”* (post 329, comentário 04); *“a Maju é competente, culta, merece sim estar aí, pelo seu esforço, trabalho duro, dedicação, competência, além da cor da pele”* (post 05, comentário 02); *“ótimas referências são importantíssimas para mulheres negras, minha musa, estou amando o livro, a história dela é maravilhosa”* (post 24, comentário 23); *“uma negra talentosa e muito inteligente”*; *“ótima jornalista, parabéns Maju, futura Glória Maria”* (post 05, comentário 212); *“a marca da Rihanna é a própria Sephora que produz e a menina é incrível de talentosa”* (post 123, comentário 178); *“é cada dia melhor, surpreendendo e arrasando mais com negros conquistando o seu lugar”* (post 05, comentário 58); *“isso é vivência negra, é sobrevivência, é luta, é sensacional”* (post 347, comentário 26); *“o bom é que agora temos mais representatividade”* (post 356, comentário 43); *“estamos quebrando barreiras de dificuldades impostas aos negros, além de linda é competente”* (post 283, comentário 52).

## Discussão

Diante dos resultados apresentados, na classe 1 “atitudes e comportamentos de enfrentamento do preconceito racial”, foi possível constatar que os curtidores e seguidores da página analisada mantêm-se informados sobre os direitos, políticas e mecanismos de denúncia do preconceito racial no Brasil. Esse reconhecimento de direitos que ocorre nas redes sociais aparece também fora dela, já que nos últimos anos as organizações da sociedade civil têm lutado ativamente para combater e proibir expressões e comportamentos preconceituosos (Pereira, Torres & Almeida, 2003).

Contudo, apesar desse aparato legal, a possibilidade de punição não impede o comportamento discriminatório dos grupos dominantes, mas torna o apoio jurídico disponível para quem solicitar (Bandeira & Batista, 2002). Com a institucionalização de normas que proíbem a discriminação contra grupos minoritários, surgem novas formas de expressão do preconceito racial sem transgredir abertamente as normas antidiscriminatórias (Nunes & Camino, 2011; Vrijdags & Fernandes, 2017).

Na tentativa de burlar as normas antirracistas presentes na cultura e na sociedade brasileira, grupos dominantes têm se utilizado de formas sutis, indiretas e veladas para expressar o preconceito racial, através de discursos ideológicos que justificam sua situação dominante sem, aparentemente, violar as normas (Pereira, Torres & Almeida, 2003; Vrijdags & Fernandes, 2017). Visto que, a modificação na forma de expressar o preconceito racial está atrelada ao processo de interiorização das normas sociais antirracistas e à capacidade de administrar essas normas de acordo com o contexto ao qual o indivíduo pertence (Lima & Vala, 2004). Em síntese, esta estratégia desenvolvida por grupos dominantes é capaz perpetuar práticas discriminatórias de forma encoberta (Lins & cols., 2014).

Viver em uma cultura em que a atitude e o comportamento discriminatório são a norma estabelecida pela maioria dos membros, mesmo em forma cordial, velada e sutil, baseada em estereótipo enquanto variável cognitiva, é suficiente para ajustar os comportamentos de acordo com esse padrão, configurando o racismo (Lima & Vala, 2004; Vrijdags & Fernandes, 2017). Dessa forma, atitudes e comportamentos são adotadas a partir da norma social em vigor e a conformidade normativa favorece a tendência grupal, no intuito de ser aceito e satisfazer suas expectativas (Lins et al., 2014). Logo, grupos minoritários, como os negros, sofrem com as barreiras sociais impostas por aqueles que adotam o preconceito e a discriminação em conformidade à realidade normativa da maioria.

Contudo, vale salientar que as normas sociais do individualismo e da competição foram capazes de produzir resultados consistentes relacionados a produção e deflagração do preconceito e do racismo (Lima et al., 2006). Por outro lado, as normas sociais de igualdade e humanitarismo são capazes acarretar uma redução no preconceito e do racismo por favorecer a inibição dos estereótipos e despersonalização de alvos minoritários, com isso, conduzir pessoas a pensarem sobre igualdade e produzir argumentos sobre a temática, favorece o comportamento pró-social à medida que os comportamentos discriminatórios diminuem (Maio et al., 2001).

Os achados apontam que o modelo de preconceito sofrido e denunciado pelos usuários da rede analisada são semelhantes ao modelo de racismo cordial, um modelo tipicamente brasileiro, que utiliza o termo cordial para se referir a cordialidade com que se nega ser racista, ao mesmo tempo em que evidencia a cor da pele e a classe social como ponto central e original do racismo, levando em consideração a miscigenação como a marca da cultura brasileira enquanto identidade do povo (Turra & Venturi, 1995; Camino et al., 2001; Fernandes, 2011). Assim, o racismo cordial abarca um nível ideológico, ocorrendo uma análise de atitudes cotidianas direcionadas à diferença de brancos e não-brancos.

Já com relação ao preconceito flagrante, apenas dois comentários foram capturados. É importante notar que o preconceito flagrante, com expressões diretas, abertas e quentes (Lima & Vala, 2004), vem sendo progressivamente substituído por demonstrações menos abertas, refletindo atitudes de discriminação, porém, sem transgredir as normas sociais de desejabilidade do preconceito racial (Haal, 2000).

Vale ressaltar que a diminuição das expressões do racismo é um fato mais aparente do que real, pois, sentimentos e atitudes preconceituosas ainda persistem. As formas de discriminação aberta estão sendo substituídas por formas sutis e veladas, mas não menos danosas (Camino et al., 2001). As formas veladas e sutis dificultam a identificação e o enfrentamento do preconceito à medida que perpetuam atitudes preconceituosas de forma encoberta (Lima & Vala, 2004; Turra & Venturi, 1995; Vrijdags & Fernandes, 2017).

Esse modo de racismo atual deve ser compreendido conjuntamente com a análise do contexto contemporâneo das novas formas de exclusão social e a globalização cultural que intensifica as relações entre diferentes etnias gerando ambiguidade (Hall, 2000). Já

que, as formas de manifestação do preconceito estão sob influência direta das normas sociais, interligadas ao contexto histórico específico (Duckitt, 1922).

Formas de exclusão social que utilizam a influência das normas sociais, do contexto histórico e da estrutura social expressam a tentativa de demarcação do fracasso do negro por meio da manutenção de crenças e práticas sociais estigmatizadas (Pacheco, 2011). Assim, ao estudar o racismo no contexto brasileiro é necessário considerar a influência histórica, cultural e econômica, pois, uma nação miscigenada é capaz de sustentar crenças relacionadas ao mito da democracia racial, enquanto forma de racionalização de ideias e práticas preconceituosas e discriminatórias (Camino et al., 2001; Fernandes, 2011).

Por sua vez, a origem do preconceito estaria localizada nas vertentes subjetivas dos conflitos reais de poder entre grupos, evoluindo de relações assimétricas de poder dos grupos dominantes para atitudes depreciativas e comportamentos hostis relacionados aos grupos minoritários e seus membros (Camino & Pereira, 2000). Dessa maneira, para os autores (2000), o racismo não é uma tendência psicológica universal, o racismo é na verdade uma forma de consciência social de dominância, desenvolvida em situações históricas concretas das relações intergrupais.

Com relação ao fenômeno do netativismo, capturado em alguns comentários, é possível verificar que esse dispositivo antirracista decorre das questões de raça compartilhada nas redes e das afetações das pessoas que se identificam com essas questões em seu dia a dia (Borges & Fernandes, 2018).

A tecnologia e a comunicação instantânea pelos dispositivos móveis transformaram o ativismo, a identidade coletiva e o espaço político em democracia algorítmica, uma forma de comunicação de todos para todos, fundamental para pensar política nas redes sociais através da interação e coparticipação entre pessoas (Roza, 2017). O netativismo, enquanto proposta de comunicação da cibercultura, é o precursor de comoções, enfrentamentos e mobilizações virtuais acionada por milhares de usuários em forma de protesto e militância digital (Borges & Fernandes, 2018).

Conforme apontam Fernandes e cols. (2020), em seu estudo que teve por objetivo conhecer as crenças raciais no Facebook através dos comentários de postagens coletadas entre outubro e dezembro de 2017, seus resultados mostraram que crenças raciais são expostas no Facebook reproduzindo manifestações ofensivas e corroborando com o



contexto físico. Os achados das autoras (2020), apontaram para a ideologia do branqueamento, a representatividade negra, o mito da democracia racial, e a inferiorização social, entretanto, o netativismo não foi capturado na análise.

Tal achado pode indicar uma evolução nos comportamentos dos usuários da rede analisada, demonstrando maior envolvimento, pertencimento e participação em mobilizações sociais, políticas e culturais que os afetam na interface digital, construindo e articulando um coletivo que almeja justiça social ao enfrentar ativamente o preconceito e a discriminação racial nas redes (Borges & Fernandes, 2018).

Com base nos resultados da classe 2, nomeada “visibilidade e ressignificação do negro”, notou-se o reconhecimento da população negra e fortalecimento da identidade do negro no Brasil em virtude de suas conquistas, habilidades, competências, destrezas e produções, decorrente do engajamento e inserção dos negros em espaços sociais ditos privilegiados. Ocasionalmente, na população negra, uma identificação direcionada àqueles negros que ocupam lugar de destaque, acarretando o enaltecimento do negro ao mesmo tempo em que valoriza a identidade racial. De acordo com Gomes (2012), para efetivação do processo de identificação, é preciso que haja a estruturação da identidade negra de modo positivo, em decorrência da afirmação de suas características, do reconhecimento tanto da luta quanto da historicidade negra no Brasil.

Ademais, pode-se observar um enfrentamento da cultura do branqueamento. Um estudo de Domingues (2005), apontou que a oficialização do branqueamento como padrão, acentua situações de conflito e comparação social dos negros ao mesmo tempo em que prejudica a formação de sua identidade, devido à ausência de modelos positivos representativos. Segundo o autor (2005), tais implicações acarretaram recusa à própria natureza, crise de identidade étnica, descaracterização e supressão de traços raciais afros.

Contudo, os comentários capturados na rede analisada vão de encontro a ideologia do branqueamento, demonstram um fortalecimento e valorização da identidade racial do negro no Brasil a partir de figuras públicas negras, manifestaram um reconhecimento dos indivíduos como sujeitos negros, enaltecendo traços físicos, intelectuais e artísticos do grupo à medida que enfraquece o referencial de branquitude. Essa identificação é o alicerce da constituição e transformação do sujeito, pois, a existência de um modelo inspirador acarreta o reconhecimento por parte dos indivíduos ao mesmo tempo que se dilui a negatividade atrelada à identidade negra (Souza, 1983).

## Considerações Finais

O preconceito e a discriminação racial são um grande desafio tanto para Psicologia Social brasileira como para a sociedade no geral. Para verificar em que medida comentários e discursos produzidos no contexto *online* podem auxiliar na compreensão do preconceito e discriminação racial no Brasil, foi utilizado o método de análise de redes sociais na página @sitemundonegro do Facebook.

Considerando os principais pontos suscitados por esta análise, é possível afirmar que o preconceito e a discriminação racial permanecem no ideário nacional e são expressos no contexto *online* do Facebook ao reproduzirem e manifestarem formas de denúncia, resistência e enfrentamento ao mesmo tempo em que estruturam a identificação e valorização do negro, corroborando com o atual cenário social *offline*.

Os dados confirmam que apesar do aparato legal a discriminação e o estigma de grupos minoritários permanecem, confirmando a presença de crenças racistas no Facebook, porém, com uma prática sutil, velada, cordial e à brasileira, como apontam Turra e Venturi (1995), visto que, as formas abertas de discriminação vêm sendo substituídas na tentativa de burlar as normas antirracistas (Camino et al., 2001). O netativismo, capturado na análise, demonstrou a crescente participação e envolvimento dos usuários em mobilizações sociais no espaço online enquanto tentativa de busca por justiça social e enfrentamento do preconceito e discriminação racial na interface digital.

As manifestações do racismo no Brasil parecem cordiais e arraigadas em fatores históricos, barreiras sociais, práticas estigmatizantes, classes sociais e cor da pele, como indica Fernandes (2011), contudo, a luta contra o preconceito e a discriminação racial ocupa o ciberespaço de modo ativo e crescente, acarretando o fortalecimento e valorização da identidade social dos negros à medida que legitima o enfrentamento da cultura do branqueamento e expõem as crenças do mito da democracia racial.

Por fim, embora o objetivo do estudo tenha sido alcançado, é importante pontuar suas limitações. Vale ressaltar a impossibilidade de aprofundar as reflexões em decorrência dos conteúdos públicos serem impressos anteriormente pelos usuários. Além disso, o *corpus* textual analisado foi construído a partir dos comentários de uma página e considerou apenas a rede social do Facebook. Para estudos futuro, torna-se necessária a produção de trabalhos que obtenham a fala direta dos usuários através de escalas ou questionários, e que considere a construção de um *corpus* textual a partir de diversas

páginas e contemple outras redes sociais, como o Instagram e Twitter, que têm ganhado relevância no espaço virtual e crescente número de usuários.

## Conclusões Gerais

Este trabalho teve como finalidade analisar as crenças relacionadas ao preconceito e a discriminação racial nas redes sociais *online* (RSO) no contexto brasileiro, utilizando-se do método da Análise de Redes Sociais (ARS) aplicado ao espaço virtual *online* do Facebook.

Com o primeiro estudo pode-se concluir que a ARS é capaz de produzir conhecimento, desenvolver-se enquanto ferramenta investigativa e utilizar-se da interação social e do comportamento enquanto principais objetos de aplicação, o que é perfeitamente possível no campo da Psicologia, com o estudo das crenças, atitudes e comportamentos dos sujeitos que constituem as redes. A ARS guia os dados empíricos e a produção de conhecimento para o centro da pesquisa, apresentando uma resolução parcial da problemática de se trabalhar com uma grande quantidade de dados, sendo capaz de auxiliar o mapeamento, observando as estruturas construídas em decorrência das interações dos atores, além de sistematizar a coleta e análise de dados, favorecendo a visualização de padrões nas redes sociais (Recuero, 2014; 2017).

No segundo estudo verificou-se que as redes sociais compõem o centro das atividades *online*, elevando o potencial de ligações humanas ao mesmo tempo em que favorecem o domínio de grandes empresas tecnológicas e seus interesses econômicos, facilitando a manipulação do tecido social através de ferramentas algorítmicas (Pecini, 2018). Também foi possível evidenciar o aumento do diálogo a respeito da temática do preconceito e da discriminação racial, ocasionando interações inter-raciais positivas e experiências multiculturais entre as páginas, que pode auxiliar na redução do preconceito racial na rede (LaCosse & Plant, 2019). A interação entre páginas foi capaz de formar um campo privilegiado de visibilidade e ressignificação do negro no Brasil, fortalecendo a identidade negra e produzindo novas subjetividades através das relações com outros indivíduos negros. Por fim, a ARS se apresenta como alternativa viável para coleta e análise de dados *online*, podendo ser útil para o estudo do preconceito e da discriminação racial no contexto brasileiro.

Com o último estudo foi possível afirmar que o preconceito e a discriminação racial permanecem no ideário nacional e são expressos no contexto *online* do Facebook ao reproduzirem e manifestarem formas de denúncia, resistência e enfrentamento ao mesmo tempo em que estruturam a identificação e valorização do negro, corroborando com o atual cenário social *offline*. Apesar do aparato legal a discriminação e o estigma de

grupos minoritários permanecem, confirmando a presença de crenças racistas no Facebook, porém, com uma prática sutil, velada, cordial e à brasileira, como apontam Turra e Venturi (1995), visto que, as formas abertas de discriminação vêm sendo substituídas na tentativa de burlar as normas antirracistas (Camino et al., 2001). O netativismo, capturado na análise, demonstrou a crescente participação e envolvimento dos usuários em mobilizações sociais no espaço online enquanto tentativa de busca por justiça social e enfrentamento do preconceito e discriminação racial na interface digital. A luta contra o preconceito e a discriminação racial ocupa o ciberespaço de modo ativo e crescente, acarretando o fortalecimento e valorização da identidade social dos negros na medida em que legitima o enfrentamento da cultura do branqueamento e expõem as crenças do mito da democracia racial.

Estas conclusões permitem apontar a necessidade de novos estudos que alcancem a fala direta dos usuários através de escalas ou questionários, e que considere a construção de um *corpus* textual a partir de diversas páginas e contemple outras redes sociais, como o Instagram e Twitter, que têm ganhado relevância no espaço virtual e crescente número de usuários. Além disso, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas que busquem identificar as temáticas expressas a partir do comportamento e relato dos curtidores com a expressão do preconceito racial no Brasil, bem como, produções futuras que explorem o fenômeno do *netativismo* para melhor compreender o empoderamento dos usuários expresso nas RSO. Este e outros esforços podem ser úteis para compreensão dos desdobramentos do preconceito e discriminação racial no Brasil.

Esta pesquisa foi financiada pelo CNPq no âmbito de Bolsa Mestrado atribuída à autora.

## Referências

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley.
- Bandeira, L. & Batista, A. S. (2002). Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Estudos feministas*, 10(1), 119-141. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>. Visto em: 01/10/2020.
- Bastian, M.; Heymann, S.; Jacomy, M. (2009). Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks. *AAAI Press*: 361-362. Disponível em: <https://gephi.org/publications/gephi-bastian-feb09.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.
- BBC Trending (2019). @BBCTrending. Disponível em: <https://www.facebook.com/BBCTrending>. Acesso em: 01/10/2020.
- Borgatti, S. P., Mehra, A., Brass, D. & Libianca, G. (2009). Network Analysis in the Social Sciences. *Science*, 323, 892-895. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/24004962\\_Network\\_Analysis\\_in\\_the\\_Social\\_Sciences](https://www.researchgate.net/publication/24004962_Network_Analysis_in_the_Social_Sciences). Visto em: 01/10/2020.
- Borges, L. M. & Fernandes, M. C. R. (2018). Cyberativismo e educação: o conceito de raça e racismo na cibercultura. *Revista Espaço Acadêmico*, 7(8), 75-87. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/43390#:~:text=Este%20texto%20tem%20como%20objetivo,tem%C3%A1ticas%20sobre%20cibercultura%20e%20redes>. Acesso em: 01/10/2020.
- Camargo, B. V & Justo, A. M. (2013). Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>. Visto em: 01/10/2020.
- Camboim, L. G.; Bezerra, E. P.; Guimarães, T. J. B. (2015). Pesquisando na internet: uma análise sobre metodologias utilizadas em dissertações do ppgci-ufpb. *Biblionline*, 11(2), 123-134. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16418>. Acesso em: 01/10/2020.
- Camino, L. & Pereira, C. (2000). O papel de psicologia na construção dos direitos humanos: análise das teorias e práticas psicossociais na discriminação ao homossexualismo. *Revista perfil*, 13(13), 49-69.
- Camino, L., Silva, P., & Machado, A. (2004). *As novas formas de expressão do preconceito racial no Brasil: estudos exploratórios*. In M. E. O. LIMA & M. E. PEREIRA (Orgs.), *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA, p.121-140. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/32112/1/Estere%C3%B3tipos%2C%20preconceitos%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20RI.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.
- Camino, L., Silva, P., Machado, A. & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. *Revista Psicologia Política*, 13-36. Disponível em:

[https://www.academia.edu/38851847/A\\_Face\\_Oculta\\_do\\_Racismo\\_no\\_Brasil\\_Uma\\_Analise\\_Psicossociologica](https://www.academia.edu/38851847/A_Face_Oculta_do_Racismo_no_Brasil_Uma_Analise_Psicossociologica). Visto em: 01/10/2020.

Campos, R. R. & Cazarini, E. W. (2013). Análise de redes sociais: métricas e técnicas de coleta de dados em um contexto de compartilhamento do conhecimento. *In: XX SIMPEP – simpósio de engenharia de produção*, 10, São Paulo, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/258832256\\_Analise\\_de\\_Redes\\_Sociais\\_Metricas\\_e\\_Tecnica\\_de\\_Coleta\\_de\\_Dados\\_Em\\_Um\\_Contexto\\_de\\_Compartilhamento\\_de\\_Conhecimento](https://www.researchgate.net/publication/258832256_Analise_de_Redes_Sociais_Metricas_e_Tecnica_de_Coleta_de_Dados_Em_Um_Contexto_de_Compartilhamento_de_Conhecimento). Acesso em: 01/10/2020.

Carvalho, E. G. & Rocha, G. V. M. (2016). Categorização dos termos utilizados em episódios de cyberbullying no jogo league of legends. *Tuiuti: ciência e cultura*, 53(4), 51-67. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/h/article/view/1040>. Acesso em: 01/10/2020.

Conselho Federal de Psicologia (2017). Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas(os). Brasília: CFP, 2017. Disponível em [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes\\_raciais\\_baixa.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf). Visto em: 01/10/2020.

Costa, R & Lopes, R. (2019). @mulhernegraecia – site de entretenimento. Disponível em: <https://www.facebook.com/mulhernegraecia>. Acesso em: 01/10/2020.

Coutinho, T.; Esher, A. F.; Osorio-de-Castro, C. G. S. (2017). Mapeando espaços virtuais de informação 749 sobre TDA/H e usos do metilfenidato. *Physis Revista de Saúde Coletiva*. 27(3), 749-769. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v27n3/1809-4481-physis-27-03-00749.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.

Dantas, G. S. (2014). *Efeitos de primings de crime na identificação de armas, no racismo, na desumanização e na atribuição de punição*. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: [https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/gilcimar\\_dantas.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/gilcimar_dantas.pdf). Visto em: 01/10/2020.

Degenne, A.; Forsé, M. (1999). *Introducing Social Networks*. London: SAGE, 1999.

Domingues, P. (2005). O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). *Diálogos Latinoamericanos*, 5(10), 117–131.

Dra Katlenn demartologista (2019). @drakatlenndermatologistasbd. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top/?q=%40drakatlenndermatologistasbd>. Acesso em: 01/10/2020.

Duckitt, J. (1992). *The social psychology of prejudice*. London: Praeger Publishers.

Facebook (2019). @facebookappBrasil. Recuperado de: <https://www.facebook.com/facebookappBrasil>. Acesso em: 01/10/2020.

Facebook. @facebookappBrasil. Recuperado de: <https://www.facebook.com/facebookappBrasil>. Visto em: 01/10/2020.

Fenton, N. (2012). *The Internet and Radical Politics*. New York: Routledge.

Fernandes, S. C. S. & Pereira, M. E. (2019). Percepção de diferenças intergrupais e infra-humanização. *Revista internacional interdisciplinar INTERthesis*, 16(2), 75-92. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2019v16n2p75>. Acesso em: 01/10/2020.

Fernandes, S. C. S. (2011). *Crenças Raciais e Infra-humanização: uma análise psicossocial do preconceito contra negros*. Salvador, BA. Doutorado. Universidade Federal da Bahia, 334. Disponível em: [https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/sheyla\\_fernandes\\_tese.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/sheyla_fernandes_tese.pdf). Acesso em: 01/10/2020.

Fernandes, S. C. S., Nascimento, M., Pereira, A., Melo, E. & Carlos, K. C. L. (2020). Relações raciais no Facebook: análise de comentários acerca de conteúdos raciais digitais. *Investigação qualitativa em ciências sociais: avanços e desafios*, 4, 317-329. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/137/134>. Acesso em: 01/10/2020.

Ferreira, E.Z., Oliveira, A. M. N., Medeiros, S. P., Gomes, G. C., Cezar-Vaz, M.R. & Ávila, J.A. (2019). A influência da internet na saúde biopsicossocial do adolescente: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 73(2), 1-9. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reben/v73n2/pt\\_0034-7167-reben-73-02-e20180766.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v73n2/pt_0034-7167-reben-73-02-e20180766.pdf). Acesso em: 01/10/2020.

Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. 1ed, Porto Alegre, Penso, 256. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Bauman,%20Bourdieu,%20Elias/Livros%20de%20Metodologia/Flick%20-%20Introducao%20%20C3%A0%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.

Gephi (2019). Disponível em: <https://gephi.org/users/download/>. Acesso em: 01/10/2020.

Gomes, N. L. (2012). Movimento negro e educação: resignificando e politizando a raça. *Educação & Sociedade*, 33(120), 727-744.

Guimarães, A. S. A. (2004). Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 47(1), 9-43. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ra/v47n1/a01v47n1.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Haal, S. (2000). *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2018). Censo Demográfico. *Brasil em números*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2/bn\\_2018\\_v26.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2/bn_2018_v26.pdf). Visto em: 01/10/2020.

Kickstarter (2019). @kickstarter - site de artes e humanidades. Disponível em: <https://www.facebook.com/Kickstarter>. Acesso em: 01/10/2020.



LaCosse, J. & Plant, E. A. (2019). A motivação interna para responder sem preconceitos promove respostas respeitadas nas interações inter-raciais. *Journal of Personality and Social Psychology*, 119(5), 1037–1056. Disponível em: <https://doi.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fpspi0000219>. Acesso em: 01/10/2020.

Lázaro, R. @olazaroramos. Disponível em: <https://www.facebook.com/olazaroramos>. Acesso em: 01/10/2020.

Leite, D. (2014). Conhecimento em educação: um olhar desde o estudo sobre redes de pesquisa e colaboração ou os sapatos da educação. *Avaliação*, 19(3), 773-788. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141440772014000300012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141440772014000300012&script=sci_abstract&tlng=pt). Visto em: 01/10/2020.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Lima, M. E. O. & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de psicologia*, 9(3), 401-411. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Lima, M. E. O.; Machado, C.; Avila, J.; Lima, C. & Vala, J. (2006). Normas Sociais e Preconceito: O Impacto da Igualdade e da Competição no Preconceito Automático Contra os Negros. *Psicologia: reflexão e crítica*, 19(2), 309-319. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a18v19n2.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Lins, B. F. E. (2013). A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. *Cadernos ASLEGIS*, 11-45. Disponível em: [http://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48\\_art01\\_hist\\_internet.pdf](http://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48_art01_hist_internet.pdf). Acesso em: 01/10/2020.

Lins, S. L. B., Lima-Nunes, A., & Camino, L. (2014). O papel dos valores sociais e variáveis psicossociais no preconceito racial brasileiro. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 95-105. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/11.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.

Macambira, M. O., Bastos, A. V. B. & Rossoni, L. (2013). Redes sociais e o vínculo com a organização: Como a estrutura das relações explica o comprometimento, o entrenchamento e o consentimento. *Revista Psicologia: organizações e trabalho*, 15(2), 109-122. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v15n2/v15n2a02.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Magalhães, M. O. & Brito, F. S. (2015). Avaliação da personalidade e redes sociais: uma proposta de integração. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 107-114. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712015000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712015000100013). Visto em: 01/10/2020.

Maio, G. R., Olson, J. M., Allen, L., & Bernard, M. M. (2001). Addressing discrepancies between values and behavior: The motivating effect of reasons. *Journal of Experimental Social Psychology*, 37(2), 104–117. Disponível em: <https://doi.org/10.1006/jesp.2000.1436>. Visto em: 01/10/2020.

Makeda Cultural (2019). @makedacultural - site de sociedade e cultura. Disponível em: <https://www.facebook.com/Makeda-Cultural-480088338717185>. Acesso em: 01/10/2020.

Marteleteo, R. M. (2001). Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ci. Inf.* 30(1), 71-81. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.

Máximo, T. A. C. O., Larrain, L. F. C. R., Nunes, A. V. L. & Lins, S. L. B. (2012). Processos de identidade social e exclusão racial na infância. *Psicologia em Revista*, 18(3), 507-526. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v18n3/v18n3a11.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Meleady, R., Crisp, R. J., Dhont, K., Hothrow, T. & Turner, R. N. (2019). Contato intergruppal, domínio social e preocupação ambiental: um teste da hipótese de liberalização cognitiva. *Journal of Personality and Social Psychology*. 118(6), 1146–1164. Disponível em: <https://doi.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fpspi0000196>. Acesso em: 01/10/2020.

Microsoft (2019). @MSFBrasil - ciência, tecnologia e engenharia. Disponível em: <https://www.facebook.com/MSFTBrasil>. Acesso em: 01/10/2020.

Ministério da Saúde, 2020. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. Visto em: 01/10/2020.

Mizruchi, M. S. (2006). Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. *Fórum de Redes Sociais e Interorganizacionais da ERA*, 46(3), 72-86. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v46n3/v46n3a13.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Moreno, J. L. (1937). Sociometry in Relation to Other Social Sciences. *Sociometry*. 1(1/2), 206-219. Disponível em: <https://www.jstor.org/action/doBasicSearch?Query=levy+jacob+moreno>. Visto em: 01/10/2020.

Motari, E. C. M. & Santos, S. F. (2016). *Monitoramento de redes sociais digitais como estratégia organizacional*. São Paulo: Intercom – RBCC, 39(1), 91-109.

MSN (2019). @MSN - site de notícias e mídia. Disponível em: <https://www.facebook.com/msn>. Acesso em: 01/10/2020.

Netvizz (2019). Disponível em: <https://apps.facebook.com/netvizz/>. Acesso em: 01/10/2020.

Nunes, A. V. L. & Camino, L. (2011). Atitude político-ideológica e inserção social: fatores psicossociais do preconceito racial? *Psicologia e Sociedade*, 23(1), 135-143. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a15v23n1.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Nunes, A. V. L. (2009). *Inserção social, racismo e desenvolvimento dos discursos sobre justiça inter-racial*. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp100621.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Obama, B. (2019). @barackobama - político. Disponível em: <https://www.facebook.com/barackobama>. Acesso em: 01/10/2020

Obama, M (2019). @michelleobama - figura pública. Disponível em: <https://www.facebook.com/michelleobama>. Acesso em: 01/10/2020.

Pacheco, L. C. (2011). Racismo cordial: manifestação da descriminalização racial à brasileira - o domínio público e privado. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 2(1), 137-144.

Pecini, A. (2018). Da plataformização da web à sociedade de plataforma: impacto da mediação digital na sociabilidade e subjetividade. In: Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, VI, São Paulo, 2018. 1-15. Disponível em: [http://www.comcult.cisc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/GT8\\_Andre%CC%81-Pecini-UFRJ.pdf](http://www.comcult.cisc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/GT8_Andre%CC%81-Pecini-UFRJ.pdf). Acesso em: 01/10/2020.

Pereira, C., Torres, A. R. R. & Almeida, S. T. (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: reflexão e crítica*, 16(1), 95-107. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16801.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Ratinaud, P. (2009). *IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]*. Disponível em <http://www.iramuteq.org>. Visto em: 01/10/2020.

Raul, J. M. (2019). Entre silêncios e protestos uma reflexão sobre escrita preta no ciberespaço. *Revista Docência e Cibercultura*, 3(3), 166-194. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/44955>. Acesso em: 01/10/2020.

Recuero, R. (2012). *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Recuero, R. (2014). Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. *Revista Fronteiras*, 16, 60-77. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.01>. Acesso em: 01/10/2020.

Recuero, R. (2017). *Introdução à análise de redes sociais online*. 1ed, Salvador, EDUFBA. Disponível em: <http://www.edufba.ufba.br/2017/12/introducao-a-analise-de-redes-sociais-online/>. Visto em: 01/10/2020.

Recuero, R. (2017). *Introdução à análise de redes sociais online*. 1 ed, Salvador, EDUFBA. Disponível em: <http://www.edufba.ufba.br/2017/12/introducao-a-analise-de-redes-sociais-online/>. Acesso em: 01/10/2020.

Rieder, B. (2013). Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. *ACM*, 346-355. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/2464464.2464475>. Acesso em: 01/10/2020.

Rosa, G. A. M. & Santos, B. R. (2015). Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(4), 913-927. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n4/v23n4a10.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.

Roza, E. A. (2017). Internet e política: estudos a partir do netativismo e do comum digital. Universidade de São Paulo. Doutorado. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-05092017-091932/pt-br.php>. Visto em: 01/10/2020.

Sacco, A. M., Couto, M. C. P. P. & Koller, S. H. (2016). Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas em Psicologia*, 24(1), 233-250. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v24n1/v24n1a12.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.

Silva, T. (2019). Racismo algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código. *In: Simpósio Internacional Lavits. Assimetria e (in)visibilidades: vigilância, gênero e raça. VI, Salvador, 2019. 1-17.* Disponível em: <https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Silva-2019-LAVITSS.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.

Simoninha, W. (2019). @wsimoninha - musicista e banda. Disponível em: <https://www.facebook.com/wsimoninha>. Acesso em: 01/10/2020.

Site Mundo Negro (2019). @sitemundonegro - site de notícias e mídia. Disponível em: <https://www.facebook.com/sitemundonegro>. Acesso em: 01/10/2020.

Skype (2019). @skype - produtos e serviços. Disponível em: <https://www.facebook.com/Skype>. Acesso em: 01/10/2020.

Souza, N. S. (1983). Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora graal.

Souza, Q. R. & Quandt, C. O. (2008). Metodologia de análise de redes sociais. *Perspectiva*. 31-63. Disponível em: [https://www.academia.edu/257818/Metodologia\\_De\\_An%C3%A1lise\\_De\\_Red\\_Sociais](https://www.academia.edu/257818/Metodologia_De_An%C3%A1lise_De_Red_Sociais). Visto em: 01/10/2020.

Sparkman, D. J. & Eidelman, S. (2018). Nós somos a “família humana”: experiências multiculturais preveem menos preconceitos e maior preocupação com os direitos humanos através da identificação com a humanidade. *Social Psychology*, 49(3), 135-153. Disponível em: <https://econtent.hogrefe.com/doi/10.1027/1864-9335/a000337>. Acesso em: 01/10/2020.

Statista. (2019). Número de usuários ativos mensais de Facebook em todo o mundo a partir do 4º trimestre de 2019 (em milhões). Disponível em:

<https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-activefacebook-users-worldwide/>. Acesso em: 24/03/2020.

Tajfel, H. (1981). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.  
Teixeira, P. B. (2013). Sociedade do risco na informação: Gestão e gerenciamento de crises nas redes sociais. *Redes sociais, comunicação e organizações*. Disponível em: [http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho\\_patricia.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho_patricia.pdf). Visto em: 01/10/2020.

Telles, A. (2010). *A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas*. São Paulo: M. Books, 2010.

The Next Web (2019). @thenextweb – tecnologia, negócio e cultura. Disponível em: <https://www.facebook.com/thenextweb>. Acesso em: 01/10/2020.

TNW Events (2019). @TNWEvents. Disponível em: <https://www.facebook.com/TNWEvents>. Acesso em: 01/10/2020.

Tomaél, M. I. & Marteleto, R. M. (2013). Redes sociais de dois modos: aspectos conceituais. *TransInformação*, 25(3), 245-253. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v25n3/07.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Turra, C. & Venturi, G. (1995). *Racismo cordial: a mais completa análise de preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática.

Tynes, B. M., Ryan, A. & Rose, C. (2015). *Discrimination in school vs online contexts, mental health and academic motivation among diverse adolescents in the U.S. The Social Psychology of the Classroom International Handbook*. New York, Routledge.

Vala, J. & Monteiro, M. B. (2002). *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vrijdags, A. C. & Fernandes, S. C. S. (2017). Introjeção de normas sociais e expressão indireta de preconceito em crianças. *Revista Psicologia da IMED*, 9(2), 42-60. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v9n2/04.pdf>. Visto em: 01/10/2020.

Weschenfelder, V. I., & Silva, M. L. D. (2018). A cor da mestiçagem: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo. *Análise Social*, 227, 308-330. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/n227a03.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.